

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
PG EM HISTÓRIA EM REDE NACIONAL
MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

Éderson Gaike da Rosa

**DESCOBRIMENTO OU ENCOBRIMENTO:
COMO O YOUTUBE MOSTRA OS INDÍGENAS NO MOMENTO DA CHEGADA
DOS PORTUGUESES**

Santa Maria, RS
2017

Éderson Gaike da Rosa

DESCOBRIMENTO OU ENCOBRIMENTO:
COMO O YOUTUBE MOSTRA OS INDÍGENAS NO MOMENTO DA CHEGADA
DOS PORTUGUESES

Dissertação apresentada ao PG em História em Rede Nacional - Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos

Santa Maria, RS
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ROSA, EDERSON GAIKE DA
DESCOBRIMENTO OU ENCOBRIMENTO: COMO O YOUTUBE MOSTRA
OS INDÍGENAS NO MOMENTO DA CHEGADA DOS PORTUGUESES /
EDERSON GAIKE DA ROSA.- 2017.
92 p.; 30 cm

Orientador: JULIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
História em Rede Nacional, RS, 2017

1. Youtube 2. Indígenas 3. Descobrimento do Brasil 4.
Choque cultural 5. Ensino de História I. SANTOS, JULIO
RICARDO QUEVEDO DOS II. Título.

Éderson Gaike da Rosa

DESCOBRIMENTO OU ENCOBRIMENTO:
COMO O YOUTUBE MOSTRA OS INDÍGENAS NO MOMENTO DA CHEGADA
DOS PORTUGUESES

Dissertação apresentada ao PG em História em Rede Nacional - Mestrado Profissional, da Universidade Federal de Santa Maria (RS), como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ensino de História.

Aprovado em 15 de março de 2017.

JULIO RICARDO QUEVEDO DOS SANTOS – ORIENTADOR (UFSM)
(Presidente/orientador)

JULIA SILVEIRA MATOS (FURG)

MARTA ROSA BORIN (UFSM)

Santa Maria, RS
2017

DEDICATÓRIA

Às minhas duas famílias. Àquela em que nasci e cresci – Seu Darci e dona Leni, pai e mãe, e Édila, irmã. E àquela família que formei com a Carla e nossa filha amada Clarice, que esteve em gestação junto com essa dissertação e agora acompanha o papai na hora da conclusão. Amo todos vocês.

AGRADECIMENTOS

*Ao Programa Profhistória/UFSM pela oportunidade de execução deste trabalho.
Ao Prof. Dr. Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, pela orientação neste trabalho, pela confiança, pelo convívio, pela amizade e, principalmente, pela oportunidade de desenvolver este trabalho.*

Ao Profs. Dr. José Iran Ribeiro, coordenador do Profhistória e a todos os valorosos professores que contribuíram com essa caminhada durante as aulas do mestrado.

A todos os colegas do Profhistória, que contribuíram de todas as maneiras para o bom andamento do mestrado, com muita troca de conhecimento, parceria e bons momentos.

Aos meus pais, que mesmo sem terem tido a chance de desenvolverem seus estudos, sempre incentivaram e auxiliaram os filhos nos estudos.

À minha irmã, Édila, por sempre ter me incentivado nos estudos, pelo apoio e auxílio em questões técnicas.

À Carla, minha companheira de todas as jornadas, que entendeu minha ausência, seja nas aulas, seja nos momentos de isolamento no quarto de trabalho em casa em um momento tão especial para nossas vidas. Também agradeço ao auxílio nas questões técnicas.

Assovia o vento dentro de mim.
Estou despido. Dono de nada, dono
de ninguém, nem mesmo dono de
minhas certezas, sou minha cara
contra o vento, a contravento, e sou
o vento que bate em minha cara.

(Eduardo Galeano)

RESUMO

DESCOBRIMENTO OU ENCOBRIMENTO: COMO O YOUTUBE MOSTRA OS INDÍGENAS NO MOMENTO DA CHEGADA DOS PORTUGUESES

AUTOR: Éderson Gaike da Rosa
ORIENTADOR: Júlio Ricardo dos Santos Quevedo

Este trabalho busca fazer uma análise do ensino de história nos tempos de internet, quando percebemos que cada vez mais os estudantes procuram conhecimento e informações na rede mundial de computadores. Dentro dessa realidade, buscamos saber sobre o uso de vídeos hospedados no site Youtube que apresentassem a temática relativa ao que muitos chamam de “descobrimento do Brasil”, ou seja, a chegada dos portugueses em nosso território e todos os seus desdobramentos. A ideia central é de compreender se está havendo a difusão dos novos conceitos historiográficos, que problematizam a questão do “descobrimento”, entendendo que este conceito é eurocêntrico e encobre toda uma vasta cultura pré-existente à chegada portuguesa. Outrossim, procuramos avaliar se os meios digitais da rede mundial de computadores e, em específico, o Youtube tem conseguido acompanhar de modo geral as necessidades da historiografia e do ensino de história, que, até mesmo por força de lei tem ressignificado nossa história e dado mais voz aos povos e culturas formadores de nossa nação que não apenas os europeus

Palavras-chave: Descobrimento, Youtube, Ensino, História, indígenas.

ABSTRACT

DISCOVERING OR COVERING: HOW YOUTUBE SHOWS THE INDIGENOUS AT THE TIME OF THE PORTUGUESE ARRIVAL

AUTHOR: Éderson Gaike da Rosa
ADVISOR: Júlio Ricardo dos Santos Quevedo

This work tries to make an analysis of the teaching of history in the times of Internet, when we perceive that more and more the students look for knowledge and information in the world - wide network of computers. Within this reality, we sought to know about the use of videos hosted on the Youtube site that presented the theme related to what many call "discovery of Brazil", that is, the arrival of the Portuguese in our territory and all its unfolding. The main idea is to understand if there is a diffusion of the new concepts of historiography, which problematize the question of "discovery", understanding that this concept is eurocentric and covers a vast pre-existing culture upon arrival in Portugal. Also, we try to evaluate if the digital means of the world-wide network of computers and, in particular, Youtube has been able to follow in general way the needs of the historiography and the teaching of history, that, even under the law has resignificado our history and given More voice to the peoples and formative cultures of our nation than not only Europeans

Palavras-chave: Discovery, Youtube, Teaching, History, indigenous.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 O avanço da internet e a crise da escola	14
2 AVANÇO DA HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA	18
2.1 As ciências em renovação	20
3 ESTADO E ENSINO	24
4 A ESCOLA EM NOSSO TEMPO	28
5 O AVANÇO DA INTERNET NA EDUCAÇÃO	32
6 OS ALUNOS ESTUDANDO NA INTERNET	36
6.1 A pesquisa	37
6.2 As escolas	38
6.3 Resultados da pesquisa	39
7 ANALISANDO VÍDEOS DO YOUTUBE	42
7.1 Principais resultados para “Chegada dos portugueses ao Brasil”	43
7.1.1 Vídeo: As grandes navegações nos séculos XV e XVI	44
7.1.2 Vídeo: Chegada dos portugueses aos Brasil	46
7.1.3 Vídeo: As grandes navegações - Caminhos da riqueza	47
7.1.4 Vídeo: Povos Indígenas do Brasil	47
7.1.5 Vídeo: As grandes navegações - O Pau-brasil	51
7.2 Principais resultados para “Descoberta/descobrimento do Brasil”	53
7.2.1 Vídeo: A Verdadeira História do Descobrimento do Brasil	53
7.2.2 Vídeo: História do Brasil – Aula 1: Descobrimento	54
7.2.3 Vídeo: Descobrimento do Brasil	55
7.2.4 Vídeo: O descobrimento do Brasil - 22 de abril	56
7.2.5 Vídeo: O Descobrimento do Brasil - Filme de Humberto Mauro (1936)	57
7.3 Principais resultados para “colonização do Brasil”	58
7.3.1 Vídeo: Brasil: Uma História Inconveniente	58
7.3.2 Vídeo: Desmundo (2003) – filme completo legendado	59
7.3.3 Vídeo: Vermelho Brasil - Filme HD Completo - TV Globo - Rio 450 Anos	60
7.3.4 E 7.3.5 Vídeos repetidos	62
7.4. Principais resultados para “Pedro Álvares Cabral”	62
7.4.1 VIDEO: Descobrimento do Brasil	62

7.4.2 VIDEO: Chegada e colonização portuguesa no Brasil	62
7.4.3 VIDEO: Pedro Alvares Cabral – Discovery of Brazil	65
7.4.4 VIDEO: Construtores do Brasil: Pedro Álvares Cabral.....	66
7.4.5 VIDEO: Pedro Alvares Cabral "descobriu" o Brasil?.....	67
7.5 Principais resultados para “Expansão Marítima”.	68
7.5.1 VIDEO: Expansão Marítima (Descomplica)	69
7.5.2 VIDEO: AULA HISTÓRIA A EXPANSÃO MARÍTIMA FEV 13 PROF GABRIEL FEITOSA	70
7.5.3 VIDEO: HISTÓRIA GERAL - EXPANSÃO MARÍTIMA 20MIN.....	70
7.5.4 VIDEO: Expansão Marítima (AULA DE).....	71
7.5.5 VIDEO: Expansão Marítima Europeia	72
8 CONCLUSÃO	73
9 PRODUTO: VÍDEOAULA	77
9.1 O TEXTO DO VÍDEO.....	77
10 BIBLIOGRAFIA	85

1 INTRODUÇÃO

Nosso trabalho visa compreender como tem se dado o desenvolvimento do ensino de história em tempos de internet. Sabemos que nas últimas duas décadas, tanto os rumos da historiografia quanto os do ensino tem se transformado bastante. O ensino de história passa a dar espaço à perspectivas e grupos até então pouco valorizados ou invisibilizados; inclusive por força de lei em nosso país o estudo da cultura indígena, africana e afro-brasileira – grupos que foram esquecidos pela historiografia de épocas atrás - deve se dar em sala de aula; a historiografia, de maneira geral, tende a facilitar esse processo, visto que a algum tempo tem se feito a ruptura com a História Oficial, tradicional ou positivista¹, que colocou diversos grupos e pessoas na sombra da história. Convergindo com as necessidades de ensino e a escrita da história, o avanço da divulgação de informações via internet tende a facilitar o processo de reescrita da história. Entretanto a questão central de nosso estudo é saber, mesmo que de maneira limitada, devido à impossibilidade de abrangência do estudo, se realmente o ensino na era internética tem trazido as novas perspectivas ou se, por ventura, vem apenas repetir o que se fazia em décadas anteriores.

A ideia surge da nossa própria experiência em sala de aula, quando sabemos que um número significativo de estudantes recorre à sites, blogs, textos e vídeos da rede mundial de computadores para complementar seus estudos. Enquanto educadores, conseguimos no espaço restrito da sala de aula dar uma melhor orientação pedagógica aos estudantes.

Quando estão fora do ambiente escolar, sobretudo na internet, será que existe uma repetição do esforço de sala de aula no sentido da qualidade das informações em sintonia com a nova historiografia?

Dussel (2010), questionou se a internet não estaria servindo “vinho velho em taças novas”, se todo o aparato tecnológico que tem se apresentado está também

¹ Entendemos, em linhas gerais, história oficial como as análises e representações sobre a trajetória social, econômica, política, etc., nas quais prevalece um sentido único e linear a essa trajetória, marcada pela adoção de interpretações produzidas por uma parcela única da população, no caso, aquela que detém o poder econômico e político. Nesse sentido, compreendemos ser esta uma história tradicional, por ter grande influência e repercussão desde a época em que a história se propõe ciência, no século XIX, na ascensão do positivismo.

trazendo a renovação das perspectivas de ensino e de historiografia. Ou será que a internet poderá estar repetindo conceitos e saberes que o ensino hoje tenta superar?

Como é impraticável fazermos uma análise criteriosa de conteúdos na rede mundial de computadores, selecionamos um tema pontual que poderá nos dar um indício do que a internet, em especial o Youtube, maior site de vídeos por streaming do mundo, traz sobre os acontecimentos de 1500, quando os lusitanos chegam nas terras brasileiras. Sabemos que em perspectivas de história narrativa, não problematizada e que se construíram em nosso país desde a criação do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro) em 1838, se valorizava a figura do “herói” Pedro Álvares Cabral, a “bravura” e “coragem” lusitanas e a contribuição da “civilização” dos portugueses ante a “selvageria” dos nativos brasileiros. Nesse contexto, falava-se em “descobrimento do Brasil”, uma perspectiva eurocêntrica, a visão do colonizador.

O ensino e a historiografia, através dos diversos pesquisadores, revisaram esses conceitos, em especial a partir dos anos 1980. Procura se entender as dinâmicas sociais e econômicas, as estruturas, o choque de culturas, observar que, se por um lado há um “descobrimento” (lado português), por outro existe um genocídio, um processo de desestruturação das comunidades nativas (lado indígena). No lugar de “descobrimento” muitos educadores têm falado em “choque de culturas”, ou de mundos, ou civilizações.

Será que a internet/Youtube tem dado vazão às novas abordagens e reflexões? Corroboramos o questionamento de Dussel, visto que já conseguimos, de forma muito preliminar, encontrar vídeos que classificam os indígenas como “selvagens” e outros que heroicizam Cabral ou a “descoberta” portuguesa. Entretanto, precisamos investigar se esses vídeos são exceção ou existe uma tendência. E se existe uma tendência, qual é? Esse é o esforço de nosso trabalho.

E dentro desse esforço, tentaremos compreender as mudanças nas formas de ensino, em tempos de uma suposta crise da escola, numa época de avanço das tecnologias de comunicação, em destaque a internet. Buscamos, além de saber sobre os eventos de 1500, se há alguma tendência inovadora ou transformadora no ensino, em especial no ensino de história, nesse mundo que alguns chamam de pós-moderno, outros chamam de pós-estruturalista, ou, como Bauman (2003) chamou de a “Modernidade Líquida”, um mundo em busca de forma. Com certeza essa liquidez atinge também as formas de aprender e ensinar.

Nosso trabalho busca partir da perspectiva do estudante. 1) Como esse estudante pesquisa quando não está no ambiente escolar sob tutela de um docente? 2) Quais os resultados que esse estudante encontra? Elaboramos um questionário que possibilita algum entendimento sobre o uso da internet para o estudo complementar fora do ambiente escolar. 3) O estudante usa a internet? 4) Ele assiste documentários, vídeo-aulas, filmes ou outras matérias em audiovisual no Youtube? 5) Como ele pesquisa o tema da chegada dos portugueses ao Brasil? 6) O que ele encontra? Essas são algumas indagações que procuraremos sanar ao longo deste trabalho.

1.1 O Avanço da Internet e a crise da Escola

O século XXI tem se apresentado como um tempo de grande avanço em algumas áreas da ciência e tecnologia; há 20 anos atrás a internet recém começava a se difundir e poucas pessoas poderiam imaginar um mundo cada vez mais conectado; muitos não imaginariam que a internet e suas redes sociais fossem ser capazes de promover inclusive movimentos de protestos e organizar multidões de uma maneira como nunca antes havia ocorrido – a Primavera Árabe, o *Ocuppy Wall Street* e os movimentos contra o governo nos anos recentes do Brasil tem uma íntima ligação com a internet 2.0, a internet das redes sociais.

Obviamente, muitas das mazelas da história humana continuam e não aparentam ter solução iminente. As guerras civis, o desemprego, a fome, a violência, a desigualdade social gritante: isso tudo continua.

Vivemos um mundo em transformação e que precisa de transformações, por isso mesmo vemos sempre as entidades de diversos segmentos se organizando, reivindicando, buscando a formação de uma sociedade mais igual, com mais democracia em todos os sentidos. E é nesse contexto que vemos, também, a ressignificação da história e da historiografia, num mundo de mudanças.

Na tentativa de compreender nosso tempo, o intelectual polonês Zygmunt Bauman, como já afirmamos, disse que vivemos em um mundo em busca de forma, em busca de conceitos e algum tipo de estabilidade. É um mundo líquido, que tem assumido formas diversas e ainda busca um modelo para sedimentação, um mundo que se dissolve tanto do ponto de vista das ciências, quanto da economia, ética, comunidade, etc.

O 'derretimento dos sólidos', traço permanente da modernidade, adquiriu, portanto, um novo sentido, e, mais que tudo, foi redirecionado a um novo alvo, e um dos principais efeitos desse redirecionamento foi a dissolução das forças que poderiam ter mantido a questão da ordem e do sistema na agenda política. Os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro. (BAUMAN, 2001, p. 12).

O mesmo intelectual fala que inclusive as relações interpessoais estão em forma líquida, o que ele refere em sua obra "Amor líquido", comparando as relações amorosas com abas de diálogos no Facebook, que nos permitem manter diversos relacionamentos (conversas) em paralelo e abandonarmos a aba a qualquer momento sem maiores explicações.

A pós modernidade / mundo líquido / mundo pós-estrutural tem nos apresentado uma crítica a muitas ideias, instituições e verdades da modernidade que iniciou com o processo de Expansão marítima europeia no séc. XV. Vivemos um mundo que questiona as verdades postadas pelo Iluminismo e os movimentos racionais que se seguiram a ele, como toda a filosofia do século XIX pautada em conceitos de evolução – seja biológica com Darwin ou sócio-econômica ou mesmo intelectual com Marx, Comte, Nietzsche e tantos outros.

Nesse momento em que a modernidade é questionada, instituições construídas dentro de sua estrutura passam também por provações, como a própria escola e os modos de ensinar e aprender, que surgiram, da maneira contemporânea, em conjunto com a Revolução Industrial. A escola chega a ser vista como um "maquinaria" por alguns pensadores como Varela e Alvares-Uria (2011) como um conjunto que funciona em método industrial e tecnológico de ensino. O fato é que a Escola hoje está defasada, em meio ao mundo que se transforma tecnologicamente muito rápido, cada vez existe mais condição de que os estudantes – mesmo que ainda não de todas as camadas sociais - aprendam sem a escola.

Eis aí que reside o cerne de nosso trabalho: um estudo de como os estudantes tem aprendido em meio à essa "crise" da escola em paralelo ao advento do mundo digital da internet. Os materiais disponíveis na web são imensuráveis e

quase infinitos, possibilitando pesquisas em praticamente qualquer área do conhecimento humano.

Claro que é impossível abordarmos os impactos mais profundos da internet na educação, devido à complexidade e novidade do tema, por isso optamos por fazer uma análise pontual mas elucidativa: como os alunos tem estudado os fatos de 1500 na internet, o momento do choque das civilizações europeia e ameríndias. Como nossos estudantes percebem os estes eventos e, mais do que isso, como a internet, através de documentários, vídeo-aulas, filmes, animações e afins apresenta esse acontecimento.

O tema “1500” se impõe como necessário pois tem sido muito debatido na revisão historiográfica que se passa no Brasil do final dos anos 1970 e ao longo dos anos 80 em diante.

Termos outrora bastante utilizados como “descobrimento”, “grandes navegações”, “selvagens” (para se referir aos grupos indígenas brasileiros) e todo o protagonismo oferecido aos portugueses na historiografia de nosso país desde o século XIX são, hoje, bastantes questionados e revisados.

A nível de educação em espaços formais – entendendo “formal” como sendo escola-professor-aluno – há hoje um esforço para que se valorize a contribuição dos povos indígenas e africanos em nosso país, como se pode observar pela lei 11.645/2008², que torna obrigatório nas escolas do país a história de indígenas, africanos e afro-brasileiros. Já sabemos que existem dificuldades, inclusive com a falta de materiais didáticos adequados – para cumprimento efetivo da legislação, mas que esta transição – que também tem a ver com o avanço das pesquisas históricas e da historiografia – está acontecendo.

Nosso trabalho, entretanto, se preocupa mais com o espaço não formal. O que se escreve ou se fala na internet não tem necessariamente preocupação com a lei 11.645/2008 e tampouco os autores são necessariamente historiadores, educadores ou especialistas da área da história. A partir dessa compreensão, como os estudantes tem aprendido história via web dentro da renovação historiográfica e das propostas educacionais vigentes ou usando de uma tecnologia inovadora,

² Durante nosso trabalho está acontecendo a Reforma do Ensino, que ainda não apresentou sua forma final, necessitando da criação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e da implementação das medidas já aprovadas pelo governo. De qualquer modo acreditamos que a lei 11.645 sofre séria ameaça de ser deixada de lado em definitivo por esta reforma.

avançada e dinâmica para receber um conteúdo de forma que não condiz com aquilo que a educação e a historiografia de hoje pedem? Esse é o porquê de nosso trabalho.

2 O AVANÇO DA HISTÓRIA E DA HISTORIOGRAFIA

Poderíamos afirmar que a história é o passado enquanto a historiografia é o presente. Em outras palavras: a historiografia é o modo como apresentamos o passado no mundo presente. Por isso a historiografia vive em constante renovação, fazendo a história agir mais no tempo presente e buscando novas abordagens conforme a época.

A História foi elevada à categoria de ciência no século XIX quando os positivistas organizaram a metodologia para investigação do passado. Nesse momento História passava a se diferenciar de literatura ou das narrativas heroicas, por tentar chegar ao conceito de Verdade. Para Augusto Comte e seus seguidores, a História se apresentaria como “verdade” nos documentos escritos oficiais, ou seja, a história necessitaria de escrita, e ainda oficial, não podendo qualquer documento que ser fonte oficial. Foram os positivistas que criaram a noção de “pré-história”, o período anterior à escrita é sem história nessa perspectiva.

Sob a ótica dos historiadores do século XIX que baseavam-se na ideia de “pré-história”, os povos indígenas brasileiros, por exemplo, não tinham história visto que não tinham escrita. Nesse ponto de vista, os povos ágrafos eram inferiores aos povos com escrita, pensamento esse que alinhava-se com a “Missão Civilizadora” europeia da época do Imperialismo. E se buscarmos a historiografia do século XIX, mesmo no Brasil, vamos perceber que há forte destaque para a tese de difusão da civilização europeia como modelo a ser seguido.

Em nosso país, mesmo as políticas de Estado que buscavam trazer imigrantes se pautavam no conceito de branqueamento, desejando a vinda do europeu como uma tentativa de “civilizar” nosso país. Negros e indígenas, tratados de forma exótica, seriam incapazes – dentro daquele pensamento – de tal tarefa.

Os historiadores do século XIX e início do século XX produziram sua historiografia consoante sua época. Os conceitos de superioridade de um povo em relação ao outro, a criação de um passado heroico, o nacionalismo. Tudo isso é perceptível na análise de boa parte dessa historiografia.

No Brasil, por exemplo, foi publicado o livro *Porque me ufano de meu país*, em 1900, na ocasião das comemorações do 4º centenário de nossa “descoberta”. O livro de Afonso Celso, o visconde de Ouro Preto teve diversas edições até 1944 e

foi, por um tempo, leitura obrigatória nas escolas. Em 1997, membros da Academia Brasileira de Letras pediram a reimpressão do livro.

Destacamos aqui a obra de Afonso Celso como um exemplar da historiografia de mais de um século atrás e o que ela revela sobre a visão de muitos historiadores e pensadores da época. Além do mais, devemos atentar que o visconde de Ouro Preto foi presidente do IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), criado em 1838, e que por muitos anos determinou os rumos da produção de história e geografia em nosso país.

Analisando a obra de Afonso Celso, a filósofa Marilena Chauí diz:

É de suma importância observar a maneira como o índio e o negro são apresentados pelo autor. No primeiro caso, são enumerados todos os índios que se celebrizaram como amigos dos portugueses - Tibiriçá, Araribóia, Cunhambebe, Jaraguari, Poti, Paraguaçu, Moema - e os costumes indígenas são apresentados em paralelo com os dos antigos germanos, descritos por Tácito nas Histórias. No caso dos negros, Afonso Celso começa explicando como vieram dar em nossas terras: 'foram importados para o Brasil, desde os primeiros anos do descobrimento' (não há, portanto, nenhuma referência ao tráfico negreiro e à escravidão). A seguir, como no caso anterior, menciona os negros que se destacaram como amigos dos portugueses, declara que contribuíram com tantos serviços para o Brasil que, graças a eles, aqui não existe preconceito de cor, salienta a coragem negra da República dos Palmares (deixando supor que sua destruição foi obra da fúria dos paulistas) e sua bravura durante a Guerra do Paraguai, lembrando ainda que muitos negros são soldados sem reivindicar soldo, pois lhes basta a honra e a glória de pertencer ao exército brasileiro. (CHAUÍ, 2001).

Ao consultarmos os manuais didáticos e as obras de historiadores brasileiros hoje, sabemos que não se repetem as percepções do visconde de Ouro Preto, que houve uma renovação da historiografia do Brasil, mesmo que ela tenha acontecido há poucas décadas.

Exemplo da renovação na historiografia, o historiador Bóris Fausto, autor de diversas publicações tanto a nível acadêmico quanto a nível didático e ganhador do Premio Jabuti, aborda em seu livro História Concisa do Brasil (Fausto, 2002) a diversidade de povos indígenas e denuncia sua escravidão e extermínio ao longo do processo colonizatório iniciado no século XVI.

Em seu manual didático intitulado História Global, o historiador Gilberto Cotrim afirma que

Mais recentemente, historiadores tem analisado a chegada dos europeus à América sob outros pontos de vista, privilegiando a perspectiva dos povos

indígenas. Assim, ressaltam a destruição, pelos europeus, dos modos de vida e o extermínio de povos que viviam na América. Por esse ângulo, a chegada dos europeus à América não é colocada como descobrimento, mas como invasão e conquista. (COTRIM, 2012)

A afirmação de Cotrim traz aquilo que acreditamos ser a linha geral das produções historiográficas atuais em nosso país, que rompem com o modelo eurocêntrico que por décadas prevaleceu em nossos livros e manuais.

2.1 As ciências em renovação

Analisando o conhecimento de forma geral, percebemos que não só as ciências sociais e humanas vivem por reformulação. Desde meados do século passado ocorrem mudanças. Atualmente colocamos em xeque as ciências, revisamos conceitos sobre história, física, educação, ensino, psicologia, etc. As ciências perderam aos poucos, a partir de meados do século XX, sua estrutura newtoniana/galileica para ter uma compreensão einsteiniana, com a relatividade do conhecimento, derivada da teoria da relatividade de Albert Einstein. Conforme Knauss salienta:

O espanhol Ortega y Gasset (1987) lançou uma discussão sobre o sentido histórico da teoria de Einstein. (...) a teoria einsteiniana relativiza a condição da razão humana, instaurando o perspectivismo, ao reconhecer que não há um único centro de percepção do mundo. (...) isso permite, inclusive, que se pense as diversidades das culturas fora dos parâmetros de uma norma imperativa que molde a existência humana. (KNAUSS, 2005).

Em síntese, Knauss nos mostra a quebra da perspectiva do modelo newtoniano/galileico, dentro do qual nasceu a ciência histórica ao longo do século XIX, e a ascensão do relativismo einsteiniano ao longo do século XX.

Entretanto, nos questionamos o que pode ter diferido tanto de um modelo para o outro de ciência. A resposta mais objetiva possível é de que houve a quebra de verdades absolutas e o questionamento sobre o conhecimento até então estabelecido.

E é nesse processo transitório que observamos também as mudanças no estudo de História, que quando nasce enquanto ciência é fruto de perspectivas que tendiam à absolutização do conhecimento.

No Brasil, conforme Nadai (1993), só no final dos anos 1950, em um dos períodos de democracia do século XX brasileiro, a historiografia do país passou por uma época de reformulação e questionamentos, tendo alguma influência principal dos marxistas e um pouco da história quantitativa dos Annales. Esse período, marcado por debates e revisões, acaba então sendo interrompido pelo regime militar que duraria 21 anos a partir de 1964.

Entretanto, mesmo na época da ditadura civil-militar tivemos alguma produção renovadora dentro da perspectiva marxista proposta por Nelson Werneck Sodré e Caio Prado Jr, entre outros, mesmo que no ambiente escolar prevalecesse o ensino de uma história mecanicista, hermética e com conceitos subservientes ao regime, como a propagada ideia de “democracia racial” que por muito tempo perdurou em alguns círculos intelectuais e de ensino do país.

Só no momento de esfacelamento da ditadura civil-militar é que passamos a ter no nosso país uma reflexão maior e a grande busca pela renovação da História. Conforme Caimi,

Toda a década de 1980 seria marcada por um intenso debate em torno do ensino de história, o qual se expressou na realização de congressos, seminários, reformas curriculares, publicação de coletâneas, etc. Tais atividades revelam uma forte disposição para o redimensionamento das teorias, métodos, conteúdos e linguagens de ensino da disciplina. (CAIMI, 2001).

Da mesma maneira que o debate sobre o ensino de história acontecia, havia também uma renovação da produção historiográfica, cada vez mais influenciada, de lá para cá, por tendências das ciências einsteinianas. A Nova História se estabelecia no Brasil.

A partir daí, também podemos dizer que a História entra no contexto de questionamentos que já vinha passando pelo Velho Mundo, inserido naquilo que alguns classificariam como a crise geral das ciências sociais (Knauss, 2005). A História e as demais ciências sociais se questionam e questionam seu caráter científico, dentro da perspectiva de autocrítica das ciências.

E foi nessa grande revisão historiográfica que ainda vem acontecendo que se deu voz aos “excluídos”, aqueles grupos que foram invisibilizados pela historiografia mais antiga, historiografia esta que se prestou – sobretudo no Brasil – à formação civilizatória, que desde o século XIX visava justificar o status quo social, esquecendo, minimizando ou idealizando a participação africana e indígena na nossa formação de país.

É dentro dessa nova perspectiva, que rompe com o eurocentrismo e propõe uma visão multicultural, onde os PCNs tem dado lugar à história indígena e africana, que a Lei 11.645/2008 estabelece como obrigatório o ensino de cultura afro-brasileira e indígena nas escolas e que a própria prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) - que dá acesso ao ensino superior na maioria das Universidades federais e confere bolsas via ProUNI em instituições privadas - passa a cobrar o entendimento da história indígena e dos povos africanos em suas questões.

Foi só a partir da década de 1970/80, quando houve uma renovação historiográfica que começamos a ter uma maior valorização da história dos povos indígenas.

O nascer do século XXI, entretanto, é que traz novas análises e percepções sobre a cultura originária do Brasil, destacando que:

As mobilizações ocorridas nas últimas décadas deram maior visibilidade para os povos indígenas enquanto autores sociopolíticos, delineando novos cenários socioespaciais reivindicatórios, tanto na perspectiva de demarcação das reservas como de reconhecimento da sua diversidade. Nesse sentido, a efetivação da lei 11.645/2008 [...]. (SANTOS, ROCHA E LOPES, 2015).

Após as mobilizações, acompanhadas da renovação historiográfica e da lei 11.645, os livros didáticos, amplamente utilizados nas escolas brasileiras como fonte de estudo, tem se adequado, mesmo que lentamente, e trazido o estudo da história dos povos afro-brasileiros e indígenas.

Conforme Souza, já existe uma transformação, mas:

Os livros didáticos atuais ainda estão “engatinhando” na tarefa de acompanhar as contemporâneas pesquisas históricas e antropológicas que trazem os indígenas como sujeitos ativos na construção de sua história, contribuindo, dessa forma, na reafirmação de ideias equivocadas e superficiais sobre esses povos. (SOUZA, 2015).

Mesmo que falemos de um processo incipiente, podemos perceber que está havendo uma adequação do ensino escolar formal no que diz respeito à ressignificação da história indígena e afro-brasileira. Também constatamos que existe uma produção diversa de materiais, inclusive de autoria de povos indígenas circulantes em escolas da rede de ensino no Brasil.

3 ESTADO E ENSINO

Entendemos que não há neutralidade no ensino, como afirma Freire (1978) “toda neutralidade afirmada é uma opção escondida”. O educador não consegue se desvencilhar de suas concepções para ensinar. Entretanto, num plano maior pode existir um direcionamento do Estado nesse processo. Em diversos momentos históricos ocorreu esse direcionamento com vistas a construir identidades nacionais, mitos fundadores e massificar a sociedade. No Brasil, o período Vargas e a Ditadura civil-militar lançaram mão de grande envolvimento no processo educacional para criar a concepção de país em desenvolvimento, em modernização. Do “pai dos pobres” ao “Brasil potência” a escola serviu ao Estado e sua ideologia. Na Alemanha nazista sabemos que houve grande controle da informação, seja por meios de comunicação ou processos escolares que visavam forjar a ideia de superioridade racial ariana e o culto ao Estado e ao *fuher*.

Em nosso país, é de suma importância observarmos a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 1838, em meio ao período imperial.

O IHGB passou a ditar o que era a “história oficial” do Brasil. Historiadores estrangeiros como Varnhagem e Von Martius escreviam a nossa história e ofereciam ao governo uma versão mais próxima dos interesses do Estado. A ideia de processo civilizatório advindo com os portugueses, as afirmações que os indígenas eram ordeiros e pacíficos e que os negros contribuíram com sua força e alegria à nação, sem problematizar sua inserção ou marginalização na sociedade são basicamente fruto das concepções do IHGB e que passaram ao século XX por muitas décadas.

Era necessário se construir uma identidade para a nação que havia poucos anos tinha se tornado independente. Nesse quesito houve ênfase para a historiografia de Varnhagen, que teria se tornado, para o IHGB, o maior historiador do Império. Conforme Melo:

Sem rupturas com o colonizador, teremos lutas heroicas com invasores estrangeiros do território brasileiro/português; alguns movimentos contestatórios, se bem que equivocados pelos próprios naturais, e a independência virá como fato naturalmente nascido da própria evolução da Colônia e da dinastia que aqui estava; finalmente uma monarquia ilustrada que se encontra no Segundo Reinado um período de paz e prosperidade

para o país e encontro final da Nação brasileira com a Civilização. (MELO, 2008).

Construía-se uma História linear civilizatória da nação brasileira, sem a problematização e em consonância com as tendências historiográficas criadas na Europa, da qual a própria elite intelectual do Império se considerava derivada.

Varnhagen influenciava produtores de livros didáticos, como o destacado José Manuel de Macedo, o que fazia com que a corrente historiográfica hegemônica acabasse também determinando o ensino de história, o que é plausível e acontece de forma mais ou menos destacado até os dias atuais.

Então, na época do Império, procurava-se consolidar a imagem de nação, de monarquia, de civilização, ou seja, a História aparecia como um acessório para justificativa do presente construído por um passado glorioso feito por grandes homens. Esse era o tratamento dado à História também na Europa, o passado justificava o presente. Era o momento em que a ciência histórica começava a sedimentar-se.

O nascimento da República em fins do século XIX não traria alterações substanciais na análise de História. Mudam-se os personagens principais, mas a ideia da construção da civilização brasileira continuava. Nas primeiras décadas da República, analisando obras didáticas, Bittencourt conclui que:

A maioria delas possui uma certa homogeneidade quanto ao tempo histórico vinculado. Predominava nos conteúdos de História do Brasil a fixação de uma crença na civilização tecnológica, tendo a Europa como berço e em certa medida a América do Norte como modelo americano possível para os demais países da América. (BITTENCOURT, 1990).

Durante o período do Império, de formação da identidade nacional, e nas primeiras décadas da República, de revisão sobre os caminhos civilizatórios, mesmo que possamos observar diferenças no tratamento dado pelos autores da historiografia brasileira em relação à dados personagens, ainda assim estávamos trabalhando História em um paradigma semelhante, o da valorização de grandes heróis, do modelo civilizatório importado da Europa e a visão de continuidade em relação àquilo que foi iniciado pelos portugueses em 1500.

A História e o ensino serviam, sobretudo, a interesses de Estado. Primeiro na exaltação da monarquia civilizadora, depois na construção da república, que traria a ordem e o progresso e adiante à figura de Vargas, que através de seus ministros e apoiadores pretendia se colocar como evolução desse processo civilizatório e organizador do Estado Brasileiro.

Da intervenção dos diferentes governos na educação veio a concepção de “democracia racial”, que negou por muito tempo que o Brasil é um país racista e com grande abismo social. Como já afirmamos, essas concepções começam a ser questionadas e ultrapassadas apenas depois da metade do século XX e, em especial, nos anos 80, quando se esfacelava a Ditadura civil militar e começávamos a viver o momento democrático que se estende até o presente.

Ao longo da nossa construção historiográfica – e não apenas em um processo brasileiro – diversos agentes sociais foram invisibilizados, sejam as mulheres, as crianças, os indígenas, os negros, etc. Maiorias, se levarmos em conta a proporção no total da população, transformadas em “minorias”, minorizadas, por grupos da elite dirigente, econômica e/ou intelectual, que por alguns momentos excluíram setores inteiros da história por questões metodológicas (povos sem escrita não eram estudados por positivistas, por exemplo) e em outros momentos por peso ideológico e vontade do Estado e desses grupos.

Ocorre que, assim como o processo de intervenção do Estado no ensino-aprendizado gera percepções excludentes, que invisibilizam grupos e/ou priorizam determinados enfoques, a ação do mesmo Estado pode, dentro de um ideário democrático inclusivo, proporcionar a busca de novos estudos e olhares. Nesse sentido inserimos a Lei 11.645/2008 que colocou como obrigatório ao ensino escolar o ensino da história de indígenas, africanos e afro-brasileiros, grupos raciais historicamente vilipendiados que tiveram sua história invisibilizada ou romantizada.

A lei 11.645 nasce em sintonia com a historiografia que se renova nas últimas décadas e que ressignifica a participação de índios, negros e seus descendentes na História do país. A nova historiografia que vem sendo construída leva em conta os movimentos sociais, os “excluídos”, as “minorias” e tem demonstrado que as “minorias” não são, de fato, minoria. Há uma superação nas últimas décadas da “história oficial” de inspiração positivista, que dava ênfase aos grandes vultos, governantes, reis, comandantes militares, e acabava por criar uma

“história das elites”, deixando nas sombras do passado as massas populacionais, vistas como massas e não como agentes.

Quando o Estado, por lei, diz que devemos estudar indígenas e africanos é levando em conta um processo inclusivo, democrático, que busca compreender nossa história, sem idealismos como o da “democracia racial”, mas com a problematização, e mais do que isso, com a valorização do patrimônio cultural, social e histórico dos povos que contribuíram para a formação de nosso país. O objetivo da lei parece ser a de fazer com que a cultura indígena e africana deixem de ser tratadas como peças exóticas, pitorescas, que se supere a visão oficial novecentista de que “ser civilizado” era seguir a normatividade europeia, com língua, costumes, vestimentas, religiões e hábitos europeus sendo vistos como modelo, enquanto os demais eram “inferiores”.

No momento em que há essa sintonia que afirmamos, entre a renovação historiográfica e o Estado democrático, é que devemos passar a questionar: os portugueses descobriram o Brasil? Os indígenas eram (ou são) selvagens, como entendiam os portugueses de 1500? Os costumes e religiões indígenas ou africanos são “inferiores”? A história tem demonstrado que conceitos dados como “verdadeiros” décadas atrás estão ficando obsoletos. Se a história e a historiografia apontam para um lado, por que o ensino de história não deve caminhar junto? Daí advém a necessidade da legislação que obriga o ensino de povos até há pouco esquecidos ou analisados de forma idealizada na formação de nosso país.

Em nosso país, nos parece que é uma das primeiras vezes em que a ação do Estado no campo educacional parece buscar de fato a compreensão histórica e social da nação; enquanto a valorização dos heróis e a noção de continuidade da civilização europeia tornavam desprezíveis as influências de indígenas e africanos, a lei de 2008 faz o contrário, procurando dar voz aos grupos que estavam abandonados ou subestimados nos processos escolares e ensino e aprendizagem.

4 O ENSINO E ESCOLA EM NOSSO TEMPO

A escola comumente é vista por uma parcela significativa da população como uma instituição sólida, eterna, vinda de tempos imemoráveis e que perdurará para sempre. Muitas vezes não refletimos sobre as instituições e conceitos, apenas naturalizamos eles.

Precisamos entender que a instituição escola é uma estrutura concebida dentro de um tempo e de um propósito, sendo que sua ascensão se dá mais ou menos em paralelo ao advento da Revolução Industrial e a emergência das sociedades urbanas.

No caso brasileiro, a escola começa a se estruturar em meados do século XIX, na época do Império, com vistas a educar para a nação, para que se ensinassem os valores do Império.

Para Pereira, Felipe e França:

Os pilares sobre os quais se alicerçaram os ideais e as políticas de inovação educacional no final do século XIX e início do século XX foram a construção dos Estados-nação e sua modernização social. No Brasil, concomitantemente, não foi diferente, a escola pública foi elevada à condição de redentora da nação e de instrumento de modernização por excelência. (PEREIRA, FELIPE E FRANÇA, 2007).

No sentido geral, as escolas foram se estruturando, nos séculos XIX e XX, como instrumento de modernização e formação cívica. Mas para estudiosos da área da educação a instituição escola, tida como fruto da modernidade e marca distintiva da educação do século XX, tem se esgotado enquanto tecnologia de ensino nesses últimos tempos. A escola, enquanto dispositivo modernizador, perde seu poder, conforme Pineau:

A instituição escolar, que se apresentou durante décadas como uma maquinaria potente e eficaz, que foi centro de irradiação de saberes, aparato classificador de populações, dispositivo modernizador, edifício público privilegiado, ponto de encontro e recolhimento de crianças e jovens, território da cultura letrada, desfaz-se em migalhas e perde seu poder para passar a converter-se no último reduto em que ditos elementos resistem, debilitados, aos embates dos tempos atuais. (PINEAU, 2008).

A maquinaria a que se refere Pineau teve ou tem valores sólidos, que visam o conceito novecentista de progresso, que acredita em sistemas, em conhecimento, em referenciais científicos sólidos e autoridades que são questionadas na modernidade líquida ou pós-modernidade. A “maquinaria” escola parece se perder em meio a perda de solidez do tempo presente e seus objetivos passam a ser mais difíceis de serem parametrizados.

Dentro de uma perspectiva que analisa a pós-modernidade, esse momento de ruptura com os valores do iluminismo e com a visão estruturalista de mundo, Silva (1992) vê a perda de espaço do ensino escolar para o audiovisual, para o apelo publicitário. A própria figura do educador passa a ser questionada por novos atores vinculados aos processos audiovisuais. Há uma mudança de paradigmas e a construção de novos referenciais.

O cidadão toma-se consumidor compulsivo da informação audiovisual enquanto o conhecimento dilui-se em opiniões relativistas. Os valores culturais equivalem aos apelos publicitários que se impõe como verdadeiras verdades na força sedutora das imagens. Tudo isso é desafio para o educador. Que função resta para a escola, quando não há mais lugar para o cultivo da cultura feita de interiorização de normas ou crenças estáveis? Que fim restou para a pedagogia que visa emancipar os homens da ignorância, da incultura e da subserviência, quando se constata a perda do empuxo que os levaria à superação de si mesmos? (SILVA, 1992).

Pineau fala de uma escola debilitada, centro de resistência de uma cultura que se esmigalha; Silva questiona qual função resta para a escola não havendo mais normas ou crenças estáveis. Ambos concordam que a instituição escolar perde sua solidez, a qual acostumamos por senso comum crer que fosse inabalável. Um dos símbolos da modernidade parece estar se dissolvendo em suas crenças e propostas originais.

Tentando entender essa mudança de referências e paradigmas, Silva (1992) faz uma apropriação livre de parte do Quadro sinóptico das três idades da "mídiasfera", de Régis Debray para comparar modernidade e pós-modernidade:

QUADRO SINÓPTICO

	MODERNIDADE	PÓS-MODERNIDADE
Redes de percepção do conhecimento	IMPrensa	AUDIOVISUAL
Figura do tempo	LINHA (História, progresso) Futurocentrismo	PONTO (Atualidade, acontecimento)
Idade Canônica	O ADULTO	O JOVEM
Paradigma de atração	LOGOS (Utopias, sistema, programas)	IMAGO (Afetos e fantasmas)
Organon simbólico	SISTEMAS (ideologias)	MODELOS (iconologia)
Classe espiritual (detentora do sagrado social)	INTELLIGENTSIA LAICA (professores e doutores). Sacrossanto: O CONHECIMENTO	MÍDIA (Difusores e produtores). Sacrossanto: A INFORMAÇÃO
Referência legítima	O IDEAL (É necessário, é verdade)	A PERFORMANCE (É necessário, funciona)
Motor de obediência	A LEI (Dogmatismo)	A OPINIÃO (Relativismo)
Meio normal de influência	A PUBLICAÇÃO	A APARIÇÃO
Estatuto do indivíduo	CIDADÃO (A convencer)	CONSUMIDOR (A seduzir)
Meio de identificação	O HERÓI	A "STAR"
Dicção de autoridade	LI NO LIVRO (Verdade como palavra impressa)	VI NA TV (Verdade como uma imagem direta)
Regime de autoridade simbólica	O LEGÍVEL (O fundamento) Ou a verdade lógica	O VISÍVEL (O acontecimento) Ou o verossímil
Unidade de direção social	O UM TEÓRICO: O CHEFE (princípio ideológico)	O UM ARITIMÉTICO: O LÍDER (princípio estático, sondagem, cotação, audiência)
Centro de gravidade subjetiva	A CONSCIÊNCIA (Animus)	O CORPO (Sensorium)

TABELA 1 - Quadro sinóptico das três idades da "mídiassfera", DEBRAY *apud* SILVA (1992).

Passados mais de dois decênios do quadro proposto por Silva, ainda poderíamos acrescentar para a coluna da pós-modernidade os agentes vinculados à internet, que ainda não havia se popularizado à época da publicação.

O relativismo da opinião gerado pelos agentes audiovisuais parece ampliado dentro da internet e das redes sociais, que nos possibilitam uma quase infinita

diversidade de opiniões, seja em textos, imagens ou vídeos. No quesito da “Dicção de autoridade” da tabela, acrescentaríamos ao “vi na TV” o “vi ou li na internet”, o que fragmentaria muitas vezes mais a autoridade.

Dessa análise, entendemos que a percepção de linha do tempo, de preparação para o tempo futuro dá espaço ao presente, ao ponto, ao acontecimento, pulverizando a noção de anteparo, de planejamento, inclusive, de alguma forma, de progresso.

As utopias, sistemas, ideologias e o conhecimento dão lugar às representações, à mídia, a informação. A verdade e os dogmas perdem espaço para o relativismo e a funcionalidade.

É dentro dessa análise, somando pensamento de diversos autores como Pineau, que colocamos em xeque a escola, preparada para uma outra realidade, talvez a realidade da Revolução Industrial, com a produção linear, repetitiva, em série. Não seria a produção do conhecimento, a Escola e o ensino semelhantes à isso, a essa produção em massa, repetitiva, homogeneizadora de certo modo?

Num cenário pós-industrial e pós-moderno, no qual o mundo passa a ter como referência o instantâneo, onde se criticam as ideologias e a noção de autoridade se fragmenta, a escola e os modos de ensinar e aprender se encontram em profunda transformação. É um mundo que não tem exatamente um horizonte, daí suas instituições parecem padecer da mesma carência.

No mundo líquido, que busca forma, a escola e as formas de ensino também se colocam na mesma situação, se liquefazem e se apresentam de novas maneiras. O audiovisual parece ter preponderância, em alguns momentos, sobre as formas de ensino que pensávamos de alguma maneira que eram eternas. Nesse campo de ascensão do audiovisual, a internet tem ganhado cada vez mais destaque.

5 O AVANÇO DA INTERNET NA EDUCAÇÃO

Na época da crise da escola e da ascensão da autoridade audiovisual fragmentada a internet tem se imposto como uma avançada ferramenta de troca de conhecimentos e experiências para educadores e educandos, auxiliando nos processos de ensino de maneira destacada. Conforme Dussel (2010), hoje é comum que muitos professores utilizarem projetores multimídia associados a textos e imagens disponíveis na internet para conduzirem suas aulas e possibilitarem leituras novas aos alunos, muitas vezes não aparecendo apenas como complementos, mas como substitutivos dos livros em falta na rede pública.

Outrossim, também o uso *não formal* da internet tem cada vez mais interferido no processo de ensino-aprendizagem. Grifamos a expressão não formal para explicar o sentido dessa expressão, entendida aqui nesse texto como fora do trinômio professor – escola – estudante, que seria a perspectiva formal e mais conhecida do processo de ensino-aprendizado.

Esse processo *não formal* tem se intensificado junto com a expansão da internet, que atinge um número cada vez maior de usuários, devido a diversos fatores, sejam eles os planos mais acessíveis economicamente de dados de internet para computadores, notebooks, tablets, smartphones ou mesmo as ações de governo e/ou outras instituições para expansão da rede mundial de computadores, com áreas de acesso à web por computadores ou redes sem fio (wi-fi).

Para a instituição escola, esse avanço das comunicações, sobretudo a internet, apresenta-se como uma faca de dois gumes: se de um lado facilita o trabalho de professores em suas aulas expositivas, como já foi mencionado no uso de projetores de multimídia, ou mesmo em trabalhos de pesquisa, utilizando ferramentas como o site Google, por outro lado essas tecnologias auxiliam no processo de desmoronamento da tecnologia escola.

A escola é vista por muitos pensadores como tecnologia, fruto da Revolução Industrial e seus desdobramentos, e como tal, massificadora, homogeneizadora, impositiva.

Conforme Varela e Alvarez-Uria:

Neste espaço de domesticação, uma massa de crianças estará sujeita à autoridade de quem rege, durante uma parte importante de suas vidas, seus pensamentos, palavras e obras. O professor, do mesmo modo que outros

técnicos de multidões, ver-se-á obrigado, para governar, a romper os laços de companheirismo, amizade e solidariedade entre seus subordinados, inculcando a delação, a competitividade, as comparações, a rivalidade nas notas, a separação entre bons e maus alunos.

Deste modo, qualquer tipo de resistência coletiva ou grupal fica descartada e a classe converte-se numa pequena república platônica na qual a minoria absoluta do sábio impõe-se sobre a maioria inútil dos que são incapazes de regerem-se a si mesmos. (VARELA E ALVAREZ-URIA, 1992).

Nessa sociedade onde *tudo que é sólido desmancha no ar*³, na sociedade pós-moderna, líquida, pós-industrial, esse tipo de instituição está fadada ao desaparecimento – ou à grande reformulação.

Historiografia, Escola (e por consequência o ensino), comunicações. Eis que falamos de três elementos que passam por grande transformação. E no nosso caso existe uma íntima ligação entre esses elementos em transformação. A ampliação das comunicações – e por isso da difusão de informações – tem ajudado a historiografia a ser mais dinâmica, na troca de fontes, artigos, ideias, assim como dinamiza também o ensino de forma geral. Porém, a expansão da internet e dos dispositivos vinculados a ela, parecem tornar cada vez menos atraentes a *maquinaria escolar* (expressão usada por Varela e Alvarez-Uria).

Por que um jovem nascido na era da internet – um nativo digital – vai querer assistir uma explanação verbal, visualmente monótona⁴ de um professor, num local pré-definido (a escola), num horário pré-definido, com um grupo pré-definido se em um computador ele consegue sozinho ter muito mais conforto e abrir horizontes quase infinitos dentro de um assunto que lhe agrada momentaneamente?

É bem verdade que o acesso à internet e a possibilidade citada no parágrafo anterior ainda não é universal, entretanto pesquisas apontam grande crescimento na área de internet. Conforme Caputo (2014), mais da metade dos brasileiros são considerados usuários de internet, sendo que, conforme pesquisa do IBOPE (2014), 71% dos usuários de internet do país têm hábitos de assistir a vídeos online.

Analisando DUSSEL (2010), ela nos mostra que “no ano 2010, mais de um quarto da população mundial estava conectada a Internet, com um ritmo de

³ Aqui faço grifo ao nome do livro de Marshall Berman (1986), que por sua vez extraiu o título de seu livro de Marx, que em *O Manifesto do Partido Comunista* de 1848 falou “Tudo o que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens são finalmente forçados a enfrentar com sentidos mais sóbrios suas reais condições de vida e sua relação com outros homens”.

⁴ “visualmente monótona” no sentido de não apresentar grande variação visual, além de um quadro negro, gravuras em livros, eventuais fotos e mapas e uso de projetores.

crescimento em algumas regiões como América Latina de 1000% em 10 anos”. Se colocarmos o Brasil no contexto latino-americano, sabemos que tem havido essa grande expansão da internet e seus usuários. Conforme informações complementares do site Youtube, o número de horas de visualizações de vídeos do site cresce 60% ao ano.

A era da internet e do aprendizado *não formal* tem se estabelecido. O estudante tem a possibilidade de ter o “professor” que quiser na internet, podendo ser esse “professor” um educador de fato ou mesmo documentários, vídeos e afins. Por uma questão de validação ele tem ido à escola (até quando?) e depois do estudo formal (já explicado como professor – escola – aluno) estuda ou tem a informação que melhor lhe aproveem na internet e, em especial, no youtube, com o documentário, vídeo-aula, animação, filme ou música que melhor lhe parecer.

Num momento em que percebemos a reestruturação da escola formal (ou mesmo seu possível fim), entendemos que um dos grandes algozes desse modelo é a internet, que é aliada do ensino, mas em outra perspectiva, assim como também é aliada da historiografia e/ou do ensino de História.

Como salientou REES (2008), o Youtube trouxe grande contribuição na sala de aula, por possuir inúmeros clipes históricos, desde discursos presidenciais até trechos de filmes, o que otimiza de forma significativa a parte visual da aula. REES salienta que no sistema educacional dos EUA existe o acesso quase total à internet na rede de ensino e acreditamos que este seja um caminho para a América Latina também, que vem observando uma grande expansão do acesso à rede mundial de computadores nos últimos anos, como salientou DUSSEL (2010).

Entretanto, quando utilizada em sala de aula ou sob orientação de um professor, a internet pode ser “direcionada”, apresentando objetivos educacionais em si, com propostas informativas que contribuam para a formação do conhecimento, dentro daquilo que se propõe o ensino escolar, como sugere LEE (2008). Mas e no momento *não formal*, será que a internet tem contribuído de forma progressista para o ensino?

Quando aborda o ensino na era da cultura digital, Dussel questiona os limites das novas tecnologias, até onde estamos avançando ou estamos servindo “vinho velho em taças novas”, no nosso caso, até onde o material distribuído via youtube traz a renovação e as novas necessidades do ensino de história e até onde

simplesmente reproduz os discursos arcaicos que levam em conta a visão eurocêntrica que torna quase invisível ou exótica a população indígena?

Analisando as fontes mais antigas sobre ensino da cultura indígena, Quevedo; Rocha; e Lopes (2015) dizem perceber “um ‘silêncio’ assustador, o que é inadmissível em um ‘país’ onde a pluralidade cultural constitui-se um de seus maiores patrimônios”. Conforme os autores, no século XIX difundiu-se uma história – via IHGB (Instituto Histórico e Geográfico do Brasil) – comprometida com a monarquia e a construção da identidade nacional, que valorizava os lusitanos, a ação missionária católica e a cultura europeia. Mesmo no século XX, período republicano, apesar da crescente valorização da figura do indígena, ainda se prefere trabalhar os “heróis” republicanos – como Tiradentes – ou da expansão, caso dos bandeirantes, relegando a um segundo plano as contribuições dos povos nativos brasileiros.

Na internet, será que o estudante tem conseguido verificar uma história indígena ou africana que tenha sintonia com o que a historiografia e o ensino tem realizado?

Partindo da perspectiva do aluno, que de forma autônoma foi buscar conhecimento e informações na internet, assistindo documentários, vídeo-aulas e outras formas audiovisuais dentro do Youtube, seja por interesse ilustrativo e de conhecimento ou para complementar estudos escolares e estudar para avaliações, a que resultados esses estudantes tem chegado?

6 OS ALUNOS ESTUDANDO NA INTERNET

Buscando entender como nossos alunos tem estudado em espaços *não formais*, aplicamos um questionário em escolas de Santa Maria – RS com um breve texto introdutório sobre os acontecimentos de 1500, quando inicia o contato entre portugueses e comunidades indígenas em nosso país. Procuramos manter o texto de maneira distante de conceitos chave como “descobrimento”, “choque de culturas”, “genocídio” ou expressões que induzissem os alunos a uma postura mais crítica ou passiva em relação aos fatos apresentados.

A ideia é que o texto introdutório pudesse gerar informações que levassem o aluno a pesquisar na internet sobre o tema, justamente numa tentativa de fazer com que haja uma pesquisa não orientada, como é nossa ideia de aprendizagem *não formal*, quando o estudante está fora do ambiente escolar e busca, por interesses variados, fazer uma pesquisa no youtube.

A partir do texto gerador e do formulário queríamos saber se os alunos têm o costume de pesquisar e estudar na internet, principalmente no youtube, consumindo vasto material audiovisual disponível no site. Também gostaríamos de saber qual a perspectiva que esse aluno assimilaria na pesquisa, se de “descobrimento do Brasil” ou perspectivas diferenciadas e pautadas na renovação historiográfica.

A partir das respostas dos alunos, partimos para a análise daquilo que está disponível no site Youtube <<http://www.youtube.com>> em documentários, vídeo aulas e demais materiais audiovisuais. Nesse momento procuramos – através das ferramentas do próprio site – analisar os vídeos mais visualizados conforme a sugestão de pesquisa dada pelos alunos, buscando o entendimento de quais perspectivas são abordadas nesses materiais.

Nossa pesquisa pauta-se em caráter quantitativo e qualitativo. É quantitativa no momento em que mediremos a audiência dos vídeos que abordem nosso tema, bem como enumeraremos conceitos utilizados nos mesmos e, a partir disso tentaremos observar a abrangência e relevância que estes vídeos passam ter devido ao seu número de exposição.

Após o levantamento inicial, numa análise qualitativa vamos procurar entender a relevância desse processo crescente – o uso da internet e vídeos de internet – no processo de ensino-aprendizagem de história no que diz respeito ao

ocultamento ou modo de valorização da presença dos indígenas no momento do choque cultural de 1500, se a internet tem possibilitado o avanço do entendimento de seus usuários da mesma forma que a historiografia atual tem feito. A partir disso então faremos nossas conclusões.

Apresentamos aqui o resultado dessa pesquisa por tópicos, sendo eles: a pesquisa; as escolas pesquisadas; resultados da pesquisa.

6.1 A pesquisa

Para entendermos como os alunos pesquisam na internet e estudam no Youtube, precisávamos saber se, primeiramente, eles costumam utilizar o site para fins de estudo. A partir disso, precisaríamos saber como fazem pesquisa relacionada ao nosso tema de trabalho, a chegada dos portugueses ao Brasil e o choque cultural. Para tudo isso elaboramos um questionário e fomos *in loco*, diretamente nas escolas, aplicá-la.

Utilizamos um texto base que procurou ter algum distanciamento das visões usuais e que muitas vezes se repetem em livros escolares trazendo algum nível de eurocentrismo.

Nesse sentido não mencionamos as expressões “Grandes navegações” e “Descobrimento do Brasil”, por exemplo. Também procuramos não nos posicionar numa visão contrária, que poderia falar nas imposições dos portugueses aos nossos povos nativos e nem citamos o genocídio que decorrerá desse processo de contato com os portugueses.

Nossa intenção era fazer um texto que desse alguma autonomia para o aluno pesquisar a temática sobre 1500 e seus desdobramentos pautado naquilo que lhe vêm a mente quando está sem a orientação ou supervisão de um professor, estando de acordo com a ideia de aprendizado *não formal* a que nos referimos em nosso trabalho.

Abaixo demonstramos o formulário aplicado nas escolas:

Questionário

Série: _____

Escola: _____

Você costuma estudar utilizando o site youtube? sim não

Se a resposta for Sim, qual tipo de vídeo você mais acessa para fins de estudo?

documentários vídeo-aulas filmes música outros

Texto base

Em 22 de abril de 1500, as populações que habitavam o litoral do atual Brasil se depararam com a chegada da frota portuguesa comandada por Pedro Álvares Cabral ao território. Tal fato foi fruto do projeto de expansão marítima portuguesa, que buscava novas rotas comerciais e áreas de metais preciosos. A partir daí podemos falar que houve o “choque” entre dois mundos diferentes: o mundo dos nativos do Brasil e o mundo europeu, um choque de civilizações.

Tarefa – ao pesquisar a temática apresentada no “texto base” no site Youtube, você pesquisaria por quais palavras-chave?

6.2 As escolas

Para não limitarmos nossa compreensão a apenas uma realidade, selecionamos duas das maiores escolas de Santa Maria – RS, uma da rede pública e outra da rede particular. Ambas são escolas que trabalham há décadas no setor de ensino e são bastante conhecidas da comunidade. A escola pública, da rede estadual, é o Cilon Rosa, de Ensino Médio, que se localiza na avenida Presidente Vargas na região central de Santa Maria. A escola particular é o Colégio Riachuelo, que tem Ensino Médio no centro da cidade na rua Venâncio Aires; do colégio

Riachuelo também pesquisamos a sua unidade do bairro Camobi, há algumas quadras da UFSM, que trabalha Ensino Fundamental e Médio.

No total, entre as escolas, fizemos trabalho com 6 turmas de 2º ano do Ensino Médio. Como todas as escolas contemplam em seu plano de estudos o processo de Expansão Marítima e Colonização do Brasil para esta série, concluímos que seria o momento mais propício aos estudantes de estudarem no Youtube sobre a temática, visto que usam do site para preparação de trabalhos, provas e testes. Além disso, se nessa série estudam sobre o tema de nossa pesquisa, pensamos que é quando estão mais instrumentalizados para buscarem a temática em espaços *não formais*.

Foram duas turmas trabalhadas por escola, 2 do Cilon Rosa e mais 2 de cada sede do Riachuelo (2 no centro e 2 em Camobi).

6.3 Resultados da pesquisa

Em nossa pesquisa pensamos em questionar alguns itens aos alunos e depois deixá-los livres para sugerir pesquisas no Youtube. A nossa pergunta básica era se estes alunos utilizavam o Youtube para fins de estudo; a partir disso, queríamos saber como estudavam, se assistindo documentários, filmes, vídeo-aulas, outras mídias ou várias somadas.

Depois da parte inicial, apresentamos um *texto base* para pedir, a partir dele, sugestões de pesquisa. O *texto base* aborda o processo de chegada dos portugueses ao Brasil de 1500, e nele tomamos cuidado de não haver um posicionamento no sentido de induzir o eurocentrismo ou de denunciar o genocídio e a aculturação que decorrem do processo de conquista. Não falamos nem de *descobrimto* do Brasil (visão lusófila) e nem de *encobrimto* da cultura e das etnias indígenas. A intenção é que o aluno se pautasse naquilo que ele já conhece para sugerir a pesquisa.

Depois do *texto base* pedimos sugestões de pesquisa no youtube aos alunos, que sugeriam expressões ou palavras-chave para pesquisa, seguindo um padrão que eles já fazem de modo *não formal*, ou seja, quando estão em casa, no laboratório escolar ou outros ambientes pesquisando/estudando na internet e youtube sem supervisão de um educador.

Abaixo demonstramos os principais resultados obtidos dessa pesquisa por escola.

Colégio Riachuelo
Total de alunos pesquisados: 81
Alunos que dizem usar o Youtube para fins de estudo: 64
Total de sugestões dos alunos: 181 (cada aluno poderia dar quantas sugestões de pesquisa quisesse).
<p>Sugestões de pesquisa dadas pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Chegada dos portugueses no Brasil / na América – 40 - Descobrimento / Descoberta do Brasil – 38 - Expansão Marítima (europeia) – 25 - Colonização do Brasil / colonização portuguesa – 24 - Choque de civilizações/ portugueses e nativos / índios x europeus – 17 - Pedro Álvares Cabral – 8 - Primeiros contatos / contatos entre portugueses e nativos – 7 - Brasil em 1500 – 5 - Indígenas / nativos do Brasil – 4 - América portuguesa – 3 - Brasil pré-colonial - 3 - Grandes navegações – 2

Colégio Cilon Rosa
Total de alunos pesquisados: 40
Alunos que dizem usar o Youtube para fins de estudo: 33
Total de sugestões dos alunos: 75 (cada aluno poderia dar quantas sugestões de pesquisa quisesse).
<p>Sugestões de pesquisa dadas pelos alunos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Pedro Álvares Cabral – 17 - Descobrimento / descoberta do Brasil - 15 - Chegada dos portugueses / chegada da frota portuguesa - 13 - Expansão Marítima (1500) – 11 - Brasil de 1500 / 22 de abril de 1500 – 5 - Choque de civilizações / portugueses e nativos – 4

- O mundo dos nativos do Brasil / populações do litoral do Brasil – 3
- Rotas comerciais do século XVI – 2

Os alunos sugeriram normalmente mais do que um campo de pesquisa. Um aluno disse, por exemplo, que pesquisaria no youtube por “Brasil colonial”, “choque de civilizações indígenas e portuguesas” e “expansão marítima”. Por isso o número de sugestão de pesquisas foi bem maior do que o número de alunos, colaborando de forma quantitativa para nosso trabalho.

O resultado também foi muito parecido entre os alunos da rede pública (Cilon Rosa) e da rede privada (Riachuelo), sendo que a proporção de alunos que usa o youtube para estudar é próximo: 79% dos alunos da particular dizem ter o costume de usar o site, com documentários, vídeo-aulas e outros conteúdos para estudar; já no ensino público este número é ligeiramente maior, 82%.

Também houve um processo de aproximação nos resultados de sugestão para pesquisas, onde entre os 5 itens mais sugeridos, 3 eram comuns entre os alunos da escola pública e da escola particular.

Abaixo, tabela demonstrando as pesquisas mais sugeridas para Youtube nas escolas trabalhadas.

Colégio Riachuelo		Colégio Cilon Rosa	
Chegada dos portugueses ao Brasil	49%	Pedro Alvares Cabral	42%
Descobrimento do Brasil	46%	Descobrimento do Brasil	37%
Expansão marítima	30%	Chegada dos portugueses ao Brasil	32%
Colonização do Brasil	29%	Expansão Marítima	27%
Choque de civilizações	20%	Brasil de 1500	12%

Fazendo o cruzamento dos dados de pesquisa, decidimos analisar as cinco principais sugestões dos alunos de todas as escolas. Dentro desse recorte, ainda analisaremos no site Youtube os 5 vídeos mais visualizados para cada uma das 5 pesquisas mais sugeridas. Este resultado se dá no próximo capítulo.

7 ANALISANDO VÍDEOS DO YOUTUBE

Dentro de nossa triagem entre as escolas pesquisadas, sobressaíram-se as seguintes sugestões, em palavras-chave, de pesquisa:

- “Chegada dos portugueses ao Brasil”
- “Descoberta / Descobrimento do Brasil”
- “Colonização do Brasil”
- “Pedro Álvares Cabral”
- “Expansão Marítima”

Entre as pesquisas destacadas, o site Youtube informa que existem mais de 160 mil resultados para todas, ou seja, somadas as 5 pesquisas teremos mais de 160 mil vídeos hospedados no Youtube para essas temáticas.

Seria praticamente impossível avaliarmos o teor dessas produções devido ao número elevado de opções, entretanto o site nos oferece a opção de filtro por contagem de visualizações, ou seja, ele coloca em um ranking os vídeos mais visualizados para cada pesquisa, como demonstramos a seguir:

The screenshot shows a YouTube search results page for the query "chegada dos portugueses ao Brasil". The search bar at the top contains the query and is marked with a red arrow labeled 'A'. Below the search bar, there is a 'Filtros' dropdown menu marked with a red arrow labeled 'B'. To the right of the filter options, there is a 'Classificar por' dropdown menu with 'Contagem de visualizações' selected, marked with a red arrow labeled 'C'. The search results are displayed in a table format with columns for 'Data do upload', 'Tipo', 'Duração', 'Características', and 'Classificar por'. Below the table, there are two video thumbnails. The first video is titled 'As grandes navegações nos séculos XV e XVI (01/06)' and the second is titled 'chegada dos portugueses ao brasil'.

Data do upload	Tipo	Duração	Características	Classificar por
Última hora	Vídeo	Curto (menos de 4 minutos)	4K	Relevância
Hoje	Canal	Longo (mais de 20 minutos)	Alta Definição	Data de envio
Esta semana	Playlist		Legendas/CC	Contagem de visualizações
Este mês	Filme		Creative Commons	Avaliação
Este ano	Programa		3D	
			Ao vivo	
			Comprado	
			360°	

Video 1: As grandes navegações nos séculos XV e XVI (01/06)
 VideosEducativos
 3 anos atrás • 102.508 visualizações
 Série que relata a aventura das grandes navegações nos séculos XV e XVI, encenada por bonecos. A chegada dos portugueses ...

Video 2: chegada dos portugueses ao brasil
 anderson80346
 5 anos atrás • 55.050 visualizações
 trabalho de historia.

FIGURA 1 – captura de tela do site <www.youtube.com.br>

Na captura de tela acima, fizemos alguns destaques sinalizados em A, B e C. Em “A” está a nossa pesquisa “chegada dos portugueses ao Brasil”; uma vez lançada a pesquisa, vamos em “B”, no botão “filtros”, que nos abre uma série de filtros de pesquisa, por data, duração, qualidade de vídeo, etc. Em meio a estas possibilidades, encontramos “C”, com a classificação por “Contagem de visualizações”. Deste modo então, através da ferramenta do próprio site Youtube, podemos saber quais são os vídeos mais vistos sobre determinado tema.

Foi desse modo que separamos e analisamos os cinco vídeos mais vistos para cada um dos cinco temas de pesquisa apontados pelos alunos que obtivemos através da pesquisa nas escolas.

Eliminamos resultados que pudessem fugir do tema, como vídeos de humor ou musicais, imaginando que os alunos, procurando estudar para o reforço escolar ou busca do conhecimento dos temas iria ignorar o que não fosse mais direto, como documentários ou vídeos-aulas.

A partir daí fizemos uma análise criteriosa desses vídeos, quase 25 no total, tentando compreender qual a perspectiva do conteúdo dessas produções, se são vídeos que trazem alguma renovação historiográfica e se contribuem para que se tirem os indígenas da invisibilidade, como quer a lei 11.645/2008.

Nas próximas linhas e páginas, essa tarefa é descrita e os vídeos analisados.

7.1 Principais resultados para “Chegada dos portugueses ao Brasil”

Sugestão de pesquisa de 49% dos alunos do Colégio Riachuelo e de 32% dos alunos da Escola Cilon Rosa, a pesquisa por “chegada dos portugueses ao Brasil” nos oferece aproximadamente 60.300 resultados no Youtube. Utilizando o ranking por contagem, analisamos os 5 vídeos com mais visualizações para o tema.

7.1.1 Vídeo: As grandes navegações nos séculos XV e XVI.



FIGURA 2 – captura de tela do site Youtube. Vídeo “As grandes navegações do século XV e XVI”. Disponível em: <<https://youtu.be/cGVib-cflww>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

O vídeo de 13 minutos está no Youtube desde meados de 2013 e conta com 96.717 visualizações. Foi lançado no site pelo canal “Videoseducativos”, mas após uma pesquisa rápida na internet descobrimos que é um vídeo produzido para a TV Escola e que foi ao ar entre 2000 e 2001 na série “500 anos, um novo mundo na TV”, no instante em que muitos comemoravam os 500 anos do “descobrimento”.

O vídeo traz basicamente uma animação com bonecos, aparentemente com a pretensão de ser leve, descontraído. Mesmo parecendo ter sido uma produção bem elaborada e criteriosa, o vídeo evoca uma visão eurocêntrica, mostrando os preparativos dos portugueses para as navegações. No vídeo, apenas há uma rápida encenação sobre os povos indígenas, que aponta algumas generalizações e preconceitos, como transcrevemos no texto abaixo, na cena em que os indígenas se apresentam:

“Homem: Nós somos da tribo Tupiniquim.

Mulher: e moramos perto da praia e dos rios.

Homem: ah, por que é mais fácil encontrar comida.

Mulher: sabemos plantar, colher, cozinhar.

Homem: o nosso trabalho é caçar, pescar, trazer comida para casa.

Mulher: também fazemos objetos que usamos no dia a dia e em momentos especiais.

Homem: temos danças, festas, e também temos os nossos deuses.

Mulher: os adultos ensinam as crianças o que elas precisam aprender para viver. Toda tribo cuida das crianças; é como se o filho de um fosse filho de todos.

Menina: eu adoro tomar banho de rio.

Menino: subir em árvores.

Menina: brincar com os bichos.

Menino: gosto de brincar de imitar os adultos.

Menina: quero ser como a minha mãe.

Menino: quero ser igual ao meu pai.

Homem: fazemos parte do grande povo Tupi que mora em todos os lugares de Pindorama. Existem muitas outras tribos como a nossa. Cada tribo tem o seu próprio jeito de ser e de pensar.

Mulher: com algumas tribos nos damos bem, com outras é mais difícil, tem confusão.

Menina: morre muita gente!

Mulher: as tribos brigam, brigam e no final a gente fica sem saber se valeu a pena brigar tanto.

Menino: mas eu gosto daqui.

Menina: aqui tem tudo, é lindo, é maravilhoso!

Homem: se eu quero atravessar o mar? Que ideia mais doida! Para que atravessar o mar?

Menina: Ah! Eu queria sim, atravessar, ver o outro lado. Será que tem alguma coisa do outro lado? deve ter! eu acho..."

(YOUTUBE, 2016)

No breve diálogo, que dura pouco mais de um minuto, há uma descrição dos povos nativos brasileiros por personagens que representam os mesmos. Há indícios de uma vida junto à natureza, da economia, da sociedade. Porém há uma generalização sobre o povo Tupi, quando se afirma que este povo habita toda a Pindorama (Brasil) e também há um exagero em dizer que as tribos “brigam, brigam

e no final a gente fica sem saber se valeu a pena brigar tanto”, dando a entender que havia um processo muito generalizado de guerras.

7.1.2 Vídeo: Chegada dos portugueses aos Brasil

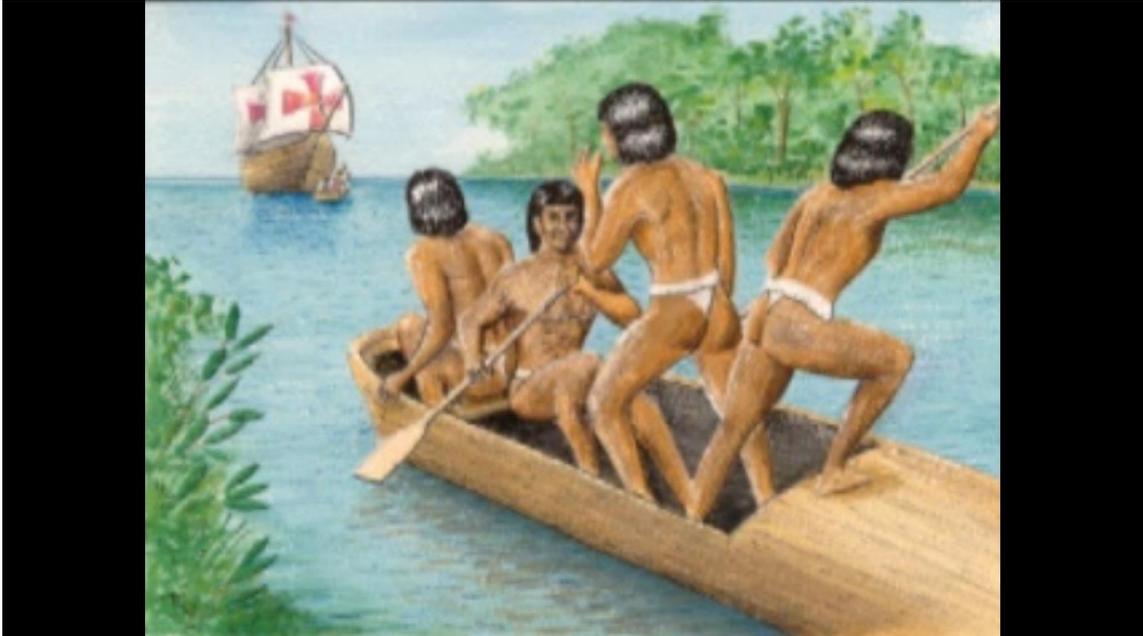


FIGURA 3 – captura de tela do site Youtube. Vídeo “Chegada dos portugueses ao Brasil”. Disponível em: <<https://youtu.be/RMrJIE3FAh0>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

O segundo vídeo mais visto para o tema da “chegada dos portugueses ao Brasil” tem 53.987 visualizações e conta apenas imagens mostrando telas de navios da época de 1500 e música em inglês sem relação com o tema. O usuário “anderson80346” explica em sua descrição que o vídeo é para um trabalho de história.

7.1.3. Vídeo: As grandes navegações - Caminhos da riqueza



FIGURA 4 – captura de tela do site Youtube. Vídeo: As grandes navegações - Caminhos da riqueza. Disponível em: <https://youtu.be/_80XI5w-Jpl>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Continuação do vídeo anterior (1.1) produzido pela TV Escola na ocasião dos 500 anos e disponibilizado pelo canal “Videoseducativos” no Youtube. É o episódio 2 da série “500 anos, um novo mundo na TV”. Nesse vídeo apenas há uma referência aos indígenas de aproximadamente 30 segundos, quando o teatro de bonecos encena a anúncio de uma previsão do pajé de que os portugueses estariam chegando ao Brasil. O centro do vídeo é a busca do caminho para as Índias. O vídeo tem cerca de 12 minutos e está no Youtube desde o fim de 2012.

7.1.4 Vídeo: Povos Indígenas do Brasil



FIGURA 5 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

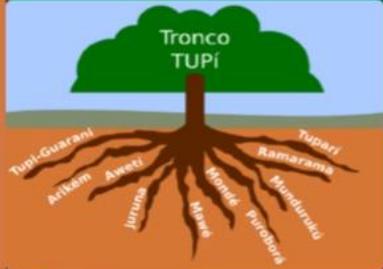
Esse vídeo de 11 minutos faz uma análise sobre as comunidades indígenas anteriores a 1500. O vídeo foi postado em meados de 2014 e tem mais de 30 mil visualizações. O usuário “Charles Camilo Meireles leme”, que conforme descrição do vídeo é professor, traz uma apresentação de slides com narração. Procura estudar os povos indígenas e sua organização antes de 1500. Apresenta os troncos linguísticos, o momento histórico, as condições naturais e a diversidade dos povos que habitavam o Brasil. Ao fim do vídeo fala sobre o impacto da chegada dos portugueses.

Abaixo colocamos em imagens os slides da aula.

✓ Para conhecer melhor os povos indígenas brasileiros, é importante estudar sua língua.

✓ As línguas indígenas faladas no Brasil podem ser classificadas em dois troncos linguísticos principais:

O TRONCO TUPI
Com 10 famílias.



O TRONCO MACRO-JÊ
Com 09 famílias.

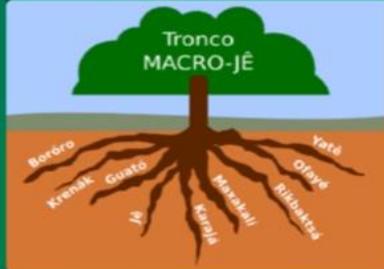


FIGURA 6 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

✓ No ano de 1500, o território onde é hoje o Brasil era coberto por uma vegetação rica e variada, os rios eram limpos e havia grande variedade de animais .

✓ Viviam nessas terras mais de mil povos indígenas, somando de 3 a 5 milhões de pessoas.



FIGURA 7 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.



FIGURA 8 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

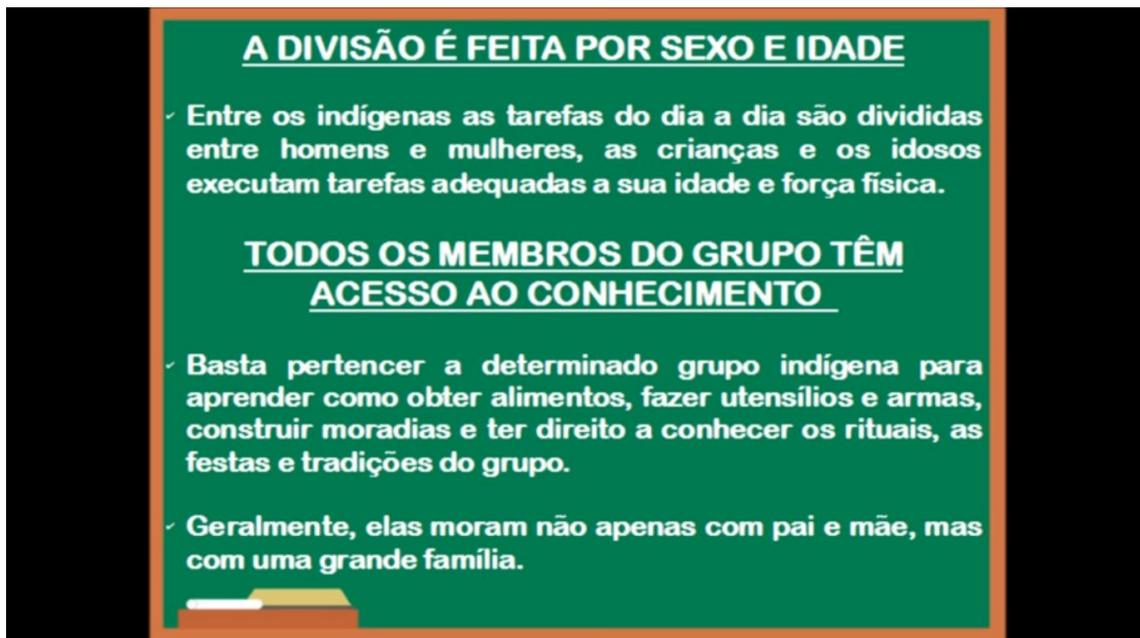


FIGURA 9 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

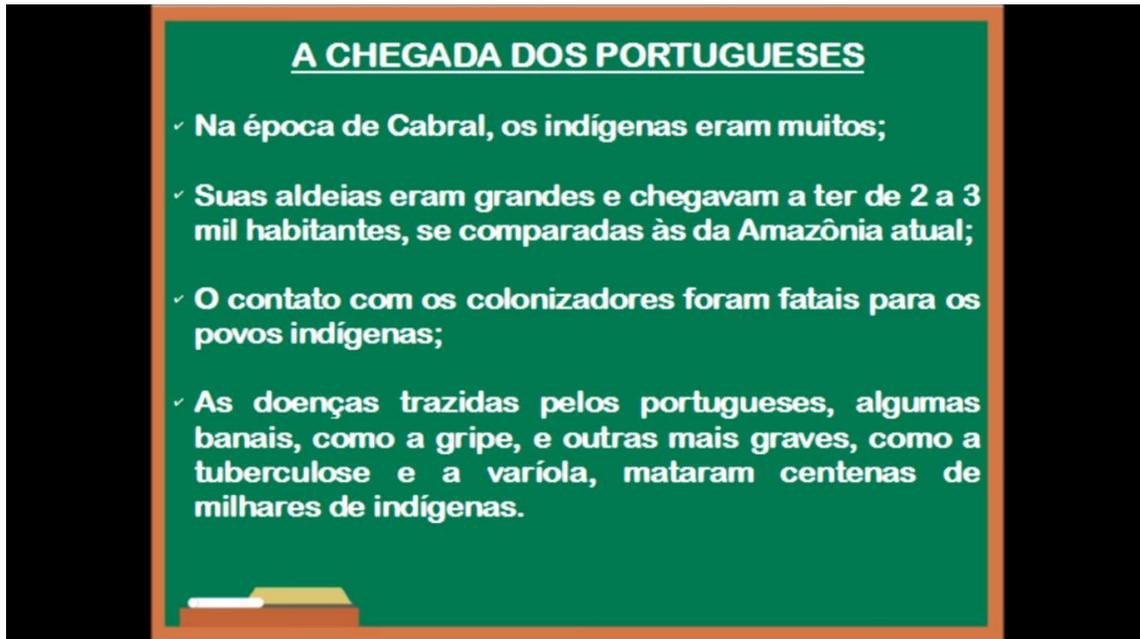


FIGURA 10 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

7.1.5 Vídeo: As grandes navegações - O Pau-brasil



FIGURA 11 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: As grandes navegações – o Pau-brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/RFglw1chKyE>>. Acesso em: 23 ago. 2016

Este vídeo conta com mais de 26 mil visualizações desde o final de 2012 e é o terceiro vídeo do canal “Videoseducativos” que está entre os 5 mais vistos para a pesquisa “chegada dos portugueses ao Brasil”.

Como os outros vídeos anteriores, este é parte da série produzida para a TV Escola “500 anos, um novo mundo na TV” e continua trazendo a breve participação dos povos indígenas, também com algumas simplificações e preconceitos. Nos pouco mais de 12 minutos do vídeo, apenas uma pequena passagem que envolve os povos indígenas, um diálogo sobre a antropofagia entre o indígena e o português, descrito abaixo:

“Português 1: Por que eles comem carne humana?”

Português 2: É o costume deles! Quando capturam um inimigo que acham poderoso, mudam-lhe o nome, dão-lhe uma esposa e cuidam deles por uns tempos, meses depois fazem uma cerimônia onde ele é morto e devorado.

Indígena 1: toda tribo come – crianças, homens, mulheres e idosos - é uma grande honra para o inimigo e para quem come a carne dele.

Indígena 2: nossa comida mesmo do dia a dia são frutas, ervas, peixes, caranguejos, mariscos, camarões, coisas assim.

Indígena 1: nós não usamos a carne humana como alimento. Comer a carne do inimigo é parte da nossa religião.

Português 1: nunca vi nada igual! E se eles resolverem nos comer também?

Português 2: Não tem perigo, eles só fazem isso com os inimigos

Português 1: Tomara que sempre nos vejam como amigos!”

(YOUTUBE, 2016)

Assim como os outros vídeos apresentados até aqui do canal “Videoseducativos”, há a simplificação, fazendo parecer que a antropofagia era prática cotidiana e generalizada entre os diversos povos que habitavam o território do atual Brasil.

7.2 Principais resultados para “Descoberta/descobrimento do Brasil”

Sugerido por 46% dos alunos do Riachuelo e por 37% dos alunos do Cilon Rosa, os resultados para “descoberta/descobrimento do Brasil” no Youtube chegam a 37.200. Novamente analisamos os 5 vídeos mais vistos para esse resultado.

7.2.1. Vídeo: A Verdadeira História do Descobrimento do Brasil



FIGURA 12 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: A Verdadeira História do Descobrimento do Brasil. Disponível em: <https://youtu.be/9ChtnL6t_c4>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Este é um dos vídeos mais assistidos de toda a nossa pesquisa, com mais de 340.000 visualizações. É um animação de produção desconhecida, possivelmente portuguesa, com 4 minutos e lançada no Youtube pelo usuário “CARLOS DONIZETE” nos primeiros meses de 2008. Faz anedotas com o “descobrimento” sem necessariamente desenvolver os processos históricos de 1500. Os portugueses ao chegar ao Brasil afirmam que Portugal descobriu o Brasil “para zoar com eles [os brasileiros]”. O rei de Portugal pede que Cabral leve novelas para Portugal. Também apresenta uma cena de viés xenofóbico, onde os brasileiros migram para Portugal devido ao aumento da violência nos tempos atuais e os portugueses entram em conflito com os brasileiros. “temos que defender nossos empregos” afirma um personagem português.

7.2.2 Vídeo: História do Brasil – Aula 1: Descobrimento



FIGURA 13 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: História do Brasil – Aula 1: Descobrimento. Disponível em: <<https://youtu.be/ZF6DBvQSpks>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

Vídeo-aula produzida pelo site Aula De (www.aulade.com.br), que traz aulas de diversas disciplinas e conteúdos. Apesar do nome do vídeo ser “Descobrimento”, durante a aula o professor Rodrigo Woloski chama de “Encontro de dois mundos” e avisa que “descobrimento” não é um termo bem adequado, pois se trata de uma conquista dos portugueses (militar) e uma sobreposição de cultura.

O vídeo, com 21 minutos está no Youtube desde outubro de 2013, contando com mais de 300 mil visualizações, é um dos mais abrangentes do ponto de vista de visualizações. Não chega a dar ênfase efetiva aos povos indígenas, mas denuncia claramente o processo de conquista e imposição cultural portuguesa sobre os povos indígenas brasileiros.

Abaixo, transcrevemos um trecho da aula:

“vamos lembrar que antes da colonização que ocorreu no Brasil nós temos as sociedades indígenas (...) aqui tinham sociedades como os jês, tupis, guaranis, pampeanos (...) esses indígenas politeístas, com vários Deuses, caçadores-coletores, alguns com alguma agricultura. Os indígenas viviam aqui já desde o período da pré-história (...) os portugueses chegaram e várias sociedades indígenas aqui estavam. Outra coisa importante: índio não é tudo igual existia e ainda existem os índios tupis, guaranis, ianomâmis, várias sociedades indígenas e esses indígenas acabaram por ser aculturados, foram conquistados pelos portugueses e foram usados como mão-de-obra dos portugueses na empresa mercantilista que aqui

nasce a partir de 1500 (...) boa parte deles acabaram sendo dizimados pelos portugueses ou pelas doenças que vieram para cá, ou pelas guerras, pela escravidão e a resistência indígena contra a ocupação portuguesa (...)" (YOUTUBE, 2016)

7.2.3 Vídeo: Descobrimento do Brasil



FIGURA 14 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Descobrimento do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/xbpiYtYTZxM>>. Acesso em: 01 set. 2016.

O vídeo é uma animação do usuário “Barao Pirapora” e foi lançado no Youtube no final de 2007 tendo atualmente mais de 280 mil visualizações. Na descrição se fala em ser uma versão sobre o Descobrimento do Brasil, resumida para que caiba no Youtube. Basicamente narra a preparação dos portugueses para partir em viagem ao Brasil.

“O primeiro a descer foi Nicolau Coelho, ele foi também o primeiro a entrar em contato com os selvagens”. A visão lusófila mostra o empreendimento português e, no momento da chegada dos portugueses ao Brasil, sempre trata os indígenas como selvagens.

Na descrição do vídeo, o autor afirma que “boa parte das informações anteriores da carta de caminha, pesquisei do Varnhagen e do Chiavenato”, sendo por isso um dos raros vídeos que traz algum tipo de referência bibliográfica. E justamente por apontar alguma referência, o vídeo nos revela um detalhe

interessante: o autor utiliza Varnhagen, historiador ainda do século XIX e primeiro-secretário do IHGB na década de 1840. Varnhagen é um dos principais historiadores da história do Brasil, entretanto, sua obra é do século XIX, apresentando uma visão defasada sobre a formação do Brasil e uma narrativa histórica eurocêntrica e não-reflexiva.

7.2.4 Vídeo: O descobrimento do Brasil - 22 de abril



FIGURA 15 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: O descobrimento do Brasil - 22 de abril. Disponível em: <<https://youtu.be/VTIWfwllOak>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

Este vídeo traz uma narrativa com imagens e uma visão eurocêntrica; basicamente apresenta uma narrativa, citando nomes de comandantes, reis, datas, fatos, acidentes geográficos. Em parte da narrativa é questionada a “comemoração” dos 500 anos de Brasil do ano 2000.

“uma perspectiva claramente eurocêntrica, pois parte do princípio de que apenas com a chegada da esquadra de Cabral teve início o processo histórico nas terras que hoje formam o Brasil (...) isso é particularmente relevante do ponto de vista indígena uma vez que os primeiros habitantes do território sofreram com a escravidão e mesmo guerras de extermínio levadas a cabo pelo recém chegados o que, junto com as doenças e processo de aculturação, levou ao desaparecimento de grande parte das tribos indígenas originais do Brasil” (YOUTUBE, 2016)

O vídeo tem 9 minutos e mais de 160 mil visualizações desde meados de 2011, quando foi lançado pelo usuário “Litaratube Multimídia” no Youtube. No vídeo em si aparece sempre a marca d’água indicando um site para eventual visita <www.abrali.com> , mas no momento de verificarmos para encontrar mais informações detectamos que o referido site está em desuso.

7.2.5 Vídeo: O Descobrimento do Brasil - Filme de Humberto Mauro (1936)



FIGURA 16 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: O Descobrimento do Brasil - Filme de Humberto Mauro (1936). Disponível em: <<https://youtu.be/hKI4miH0lkl>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

O usuário do Youtube “Carlos Alberto Didier” disponibilizou em seu canal do site, no final de 2012, o filme de 1936 que narra a chegada dos portugueses ao Brasil seguindo as descrições da Carta de Pero Vaz de Caminha.

O vídeo tem mais de 114 mil visualizações e traz, pela época de produção e os documentos de referência – anos 1930 e a Carta de Pero Vaz de Caminha, respectivamente – uma visão narrativa, oficialista e eurocêntrica. A perspectiva portuguesa é sempre a valorizada e os povos indígenas retratados como incapazes de compreender o mundo português e sua dimensão. Os portugueses aparecem como heróis e portadores da civilização católica moderna.

7.3 Principais resultados para “colonização do Brasil”

O terceiro item mais sugerido para pesquisa, com 29% dos alunos do Riachuelo sugerindo e 5% do Cilon Rosa, a pesquisa “Colonização do Brasil” leva, no Youtube, a aproximadamente 44.500 resultados. Os 5 vídeos mais visualizados no site são avaliados em nossa pesquisa.

7.3.1 Vídeo: Brasil: Uma História Inconveniente



FIGURA 17 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Brasil: Uma História Inconveniente. Disponível em: <<https://youtu.be/hKI4miH0lkl>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

O vídeo é uma produção norte americana, veiculado em algum canal de TV o qual tivemos dificuldades de saber qual seria. No ar no Youtube desde setembro de 2011, lançado pelo usuário “casanovagoulart” tem mais de 375 mil visualizações.

Apesar de falar sobre o processo de colonização, e por isso também falar um pouco sobre os indígenas, o grande foco do documentário é a escravidão negra do Brasil, na qual o vídeo afirma ter sido bem mais numerosa do que nos Estados Unidos.

Fala-se na chegada dos portugueses e no processo que levou à conquista, extermínio das populações indígenas, seja por guerras ou escravidão, por armas ou doenças europeias.

No documentário, o historiador John Hemming fala alguns traços das comunidades indígenas

"Era totalmente estranho para as tribos indígenas, que viviam numa sociedade comunista, onde trabalhavam em conjunto, e também o conceito de super produção, era totalmente incompreensível, eles não viam necessidade disto. Eles viviam numa rica região, tudo era verde, a caça sempre na floresta e os peixes estavam lá nos rios, então era um verdadeiro supermercado eles não viam necessidade de armazenar ou produzir demais. E também o conceito de um homem trabalhar para outro homem ou mulher era completamente estranho, era horrível". (YOUTUBE, 2016)

Na descrição do vídeo, o usuário do Youtube responsável pela mesma escreve:

"Além das comemorações que estão acompanhando o 'Brasil 500 anos', esse momento deve ser também, uma oportunidade de reflexão histórica, principalmente por parte de setores que nesses 5 séculos se fortaleceram, em detrimento da maioria da população, ontem indígena, negra-escrava e hoje representada por uma imensa camada de miseráveis e excluídos da 'democracia' e do 'Estado de Direito'". (YOUTUBE, 2016)

7.3.2 Vídeo: Desmundo (2003) – filme completo legendado



FIGURA 18 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Desmundo (2003) – filme completo legendado. Disponível em: <https://youtu.be/oxQe_BeRba0>. Acesso em: 25 ago. 2016.

O filme Desmundo, produção brasileira de 2003, foi colocado no Youtube pelo usuário "SilentRevo" em setembro de 2012 e tem mais de 330 mil visualizações.

Conforme o site “adorocinema.com” é ambientado no Brasil do fim do século XVI, quando os portugueses passaram a enviar órfãs europeias para casarem com luso-brasileiros e evitar a miscigenação com as indígenas.

Brasil, por volta de 1570. Chegam ao país algumas órfãs, enviadas pela rainha de Portugal, com o objetivo de desposarem os primeiros colonizadores. Uma delas, Oribela (Simone Spoladore), é uma jovem sensível e religiosa que, após ofender de forma bem grosseira Afonso Soares D'Aragão (Cacá Rosset) se vê obrigada em casar com Francisco de Albuquerque (Osmar Prado), que a leva para seu engenho de açúcar. Oribela pede a Francisco que lhe dê algum tempo, para ela se acostumar com ele e cumprir com suas "obrigações", mas paciência é algo que seu marido não tem e ele praticamente a violenta. Sentindo-se infeliz, ela tenta fugir, pois quer pegar um navio e voltar a Portugal, mas acaba sendo recapturada por Francisco. Como castigo, Oribela fica acorrentada em um pequeno galpão. Deprimida por estar sozinha e ferida, pois seus pés ficaram muito machucados, ela passa os dias chorando e só tem contato com uma índia, que lhe leva comida e a ajuda na recuperação, envolvendo seus pés com plantas medicinais. Quando ela sai do seu cativeiro continua determinada em fugir, até que numa noite ela se disfarça de homem e segue para a vila, pedindo ajuda a Ximeno Dias (Caco Ciocler), um português que também morava na região. (YOUTUBE, 2016)

O filme é ambientado em 1570, época em que os portugueses enviavam órfãs ao Brasil para que casassem com os colonizadores. A tentativa era minimizar o nascimento dos filhos com as índias e que os portugueses tivessem casamentos brancos e cristãos. Essas órfãs viviam em conventos e muitas delas desejavam ser religiosas. Oribela, uma dessas jovens, é obrigada a casar com Francisco de Albuquerque.

7.3.3 Vídeo: Vermelho Brasil - Filme HD Completo - TV Globo - Rio 450 Anos



FIGURA 19 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Vermelho Brasil - Filme HD Completo - TV Globo - Rio 450 Anos. Disponível em: <<https://youtu.be/6IAcEAV7hAM>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

O filme se passa em meados de 1550, quando o francês Nicolas e Villegaignon lidera uma expedição aos mares sul. Chega ao Brasil determinado a transformar a colônia em França Antártica. Com a Baía de Guanabara tomada, nasce o Rio de Janeiro e tem início a sangrenta disputa pela terra do Pau-Brasil.

Na descrição do vídeo, podemos ler

O filme Vermelho Brasil é dirigido por Sylvain Archambault, e estrelado por Stellan Skarsgard, Joaquim de Almeida, Sagamore Stévenin, Theo Frllet, Juliette Lamboley, Olivier Chantreau, Miguelito Acosta, Giselle Motta e grande elenco.

Sinopse: Baseado no livro do escritor francês Jean-Christophe Rufin, o filme Vermelho Brasil conta a história da expedição de Nicolas Durand Villegaignon ao Brasil por volta do ano 1550, e sua luta para criar uma colônia francesa em solo brasileiro. O meu personagem é de guerreiro nativo, braço direito do vilão João da Silva, interpretado pelo ator Joaquim de Almeida.

O filme Vermelho Brasil é uma superprodução Internacional entre França, Brasil, Portugal e Canadá, e a TV Globo o exibiu em seu canal aberto no dia 02/03/2015 em comemoração pelos 450 anos da fundação da cidade do Rio de Janeiro. (YOUTUBE, 2016)

7.3.4 e 7.3.5. Vídeos repetidos

Os vídeos que ficaram na 4^o e 5^o contagem de visualizações para a pesquisa no Youtube de “Descobrimento do Brasil” são, respectivamente, “Descobrimento do Brasil” (usuário “Barao Pirapora”) e “História do Brasil – Aula 1: descobrimento” (usuário “Aula De”) e já foram analisados nas pesquisas anteriores, nos itens 7.2.3 e 7.2.2 deste capítulo.

7.4. Principais resultados para “Pedro Álvares Cabral”

Sem ter menções nas sugestões de pesquisa no Colégio Riachuelo, a ideia de busca por “Pedro Álvares Cabral” para se pesquisar e estudar no Youtube o contato entre portugueses e indígenas em 1500 foi a mais proposta entre os alunos do Cilon Rosa, onde 42% dos estudantes sugeriram essa pesquisa.

No site Youtube são encontrados aproximadamente 9940 resultados para a pesquisa sugerida. Na sequência, analisamos os cinco vídeos com mais visualizações para a mesma.

7.4.1. VIDEO: Descobrimento do Brasil

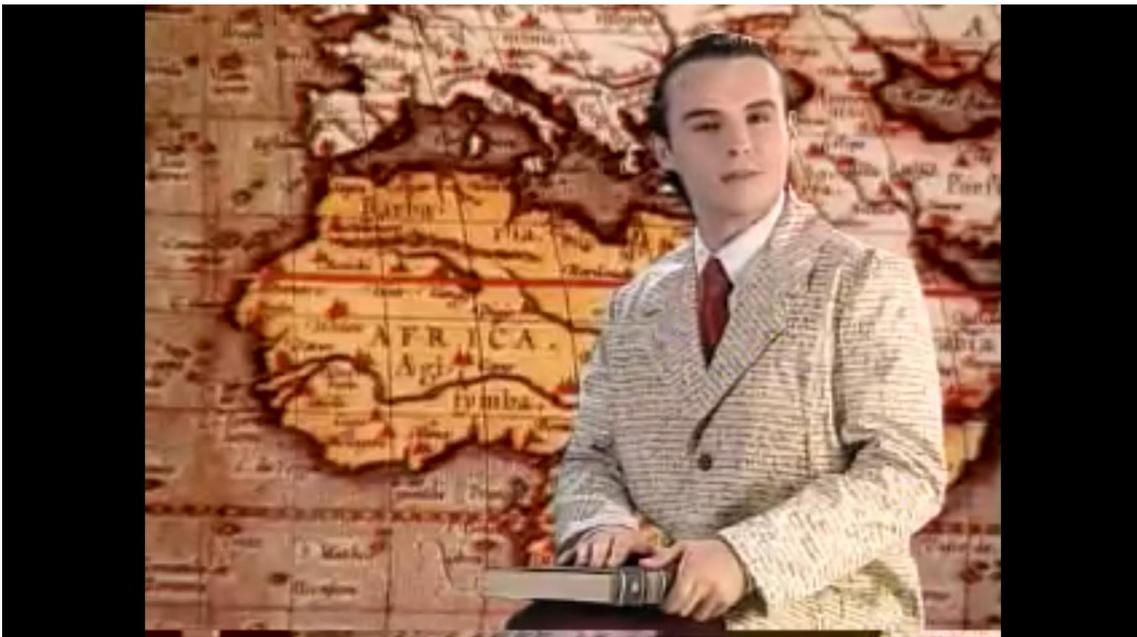


FIGURA 20 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Descobrimento do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/U5xZ3r0L91s>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

Este é mais um vídeo do canal do Youtube “VideosEducativos” extraído da série da TV Escola "500 anos um novo mundo na TV".

No vídeo existem algumas afirmações não tão usadas hoje em dia nos livros de História, como a que a viagem de Cabral tem “fins claramente políticos de estabelecer uma parceria com Calicute na Índia”; nesse sentido não se aponta para os interesses econômicos.

No teatro de bonecos, típico da série, aparecem os navegadores e Cabral em direção ao Brasil. Há a exaltação de Mestre João, físico que navegava com Cabral.

Percebemos uma narrativa da chegada portuguesa do ponto de vista eurocêntrico, utilizando trechos da Carta de Pero Vaz de Caminha e na representação de bonecos é encenado o contato entre indígenas e portugueses, destacando a curiosidade indígena sobre as roupas, os modos e o destino dos portugueses, mas sem se analisar a cultura, política, religião ou aspectos diversos dos nativos brasileiros.

Não há, além dos fatos pitorescos e humorísticos uma análise sobre os grupos indígenas brasileiros. O vídeo lançado no Youtube em dezembro de 2012 conta com mais de 140 mil visualizações.

7.4.2. VIDEO: Chegada e colonização portuguesa no Brasil



FIGURA 21 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Chegada e colonização portuguesa no Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/e3uDIPi2xLI>>. Acesso em: 01 set. 2016.

Tele aula do Ensino Médio do Telecurso veiculado na TV Globo e disponibilizado no Youtube pelo canal "PreparacaoDigital" em abril de 2013 e com mais de 72 mil visualizações. Apesar de sabermos a data de lançamento no Youtube, não conseguimos informações sobre o ano da produção original.

O vídeo inicia falando sobre a viagem de Pedro Álvares Cabral pautado na carta de Pero Vaz de Caminha, repetindo o que outros vídeos com ampla visualização no Youtube já fizeram.

O apresentador narra a chegada de Cabral em 22 de abril de 1500. No vídeo, bastante descritivo, dando ênfase a datas e nomes, há narrativas como esta:

"9 de março de 1500, Lisboa, Portugal. 2200 homens embarcam em Lisboa nas 13 caravelas que estão sob comando de Pedro Álvares Cabral".

No vídeo há a afirmação que a Carta de Caminha é fundamental para se compreender as diferenças entre a cultura europeia e a indígena. Também há a análise do quadro da primeira missa por um artista do século XIX.

Dentro do vídeo, em meio às narrativas, é possível observarmos a seguinte descrição sobre os tupi guarani:

"Os nativos que habitavam o litoral eram, na sua maioria, tupis-guaranis. Eles viviam da caça, da pesca, da coleta de frutas e da agricultura. Com atividades limitadas à própria sobrevivência e donos de técnicas muito simples, os tupis não causavam danos ao meio ambiente. Os portugueses ganharam muito na relação com os nativos, além de aprender com eles o segredo de sobreviver numa terra desconhecida, ainda se utilizaram da sua capacidade de trabalho para aqui se estabelecerem. Para os índios, você sabe, a história foi muito diferente: foi uma história de fuga, violência, escravização, doença e morte. Dos milhões que existiam no século XVI restam hoje apenas alguns milhares".(YOUTUBE, 2016)

7.4.3. VIDEO: Pedro Alvares Cabral – Discovery of Brazil

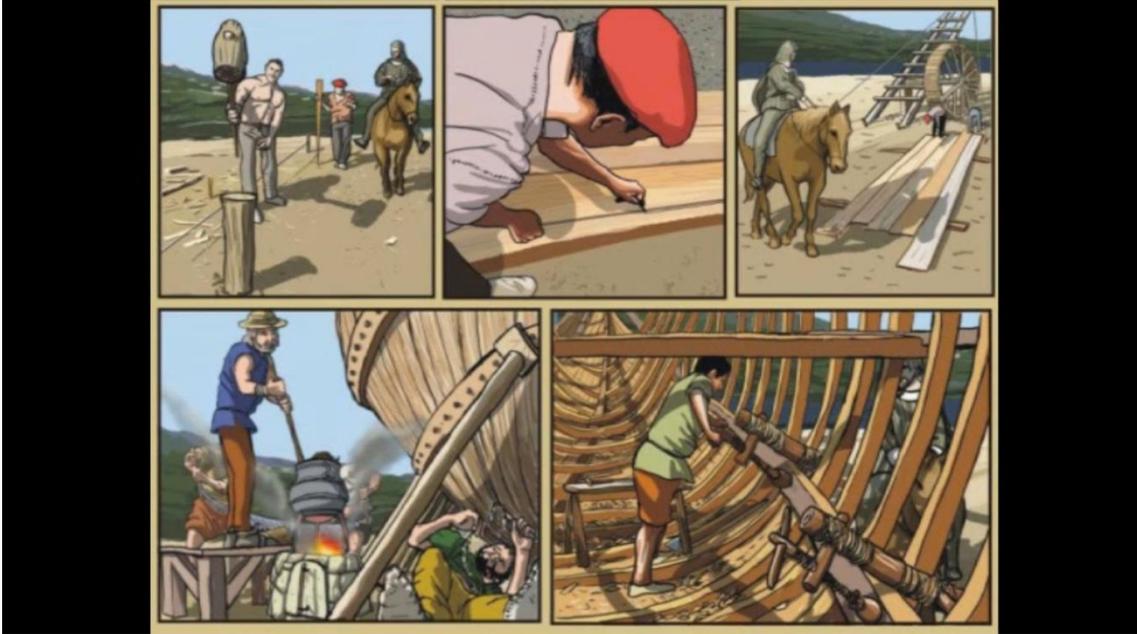


FIGURA 22 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Pedro Alvares Cabral – Discovery of Brazil. Disponível em: <https://youtu.be/_kU9H1O2rY0>. Acesso em: 01 set. 2016.

Lançado no Youtube pelo usuário “fabianoasc” em abril de 2010, este vídeo tem mais de 72 mil visualizações. É um vídeo apenas com imagens de pinturas e desenhos como o conhecido “Desembarque de Cabral em Porto Seguro”, óleo sobre tela de Oscar Pereira da Silva, 1922 e “A primeira missa no Brasil” de 1860, óleo sobre tela de Victor Meirelles.

Além de diversas imagens colocadas na apresentação, além de música instrumental, o vídeo nada mais apresenta.

7.4.4. VIDEO: Construtores do Brasil: Pedro Álvares Cabral.



FIGURA 23 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Construtores do Brasil: Pedro Álvares Cabral. Disponível em: <<https://youtu.be/BLCplcFCFW0>>. Acesso em: 01 set. 2016.

Disponibilizado no Youtube em dezembro de 2008 pelo usuário “Marcya Reis”, o vídeo tem mais de 47 mil visualizações e é uma produção original para a TV Senado do Brasil. Trata-se de uma narrativa cronológica, com datas e nomes de “heróis” como Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral. O vídeo narra parte da Carta de Pero Vaz de Caminha, apresentando uma visão eurocêntrica.

O historiador Antonio Barbosa fala que Portugal fez os primeiros contatos com os indígenas e que “os nativos, chamados índios, eram amistosos e dois deles chegaram a visitar a nau portuguesa”.

Entre outros aspectos de caráter descritivo é falado que houve a descoberta de um novo mundo cheio de riquezas e belezas, colaborando para as visões mais antigas acerca dos eventos de 1500.

Assim como boa parte dos vídeos que tratam a chegada dos portugueses ao Brasil, este é mais um que faz uma referência mínima aos nativos.

7.4.5. VIDEO: Pedro Alvares Cabral "descobriu" o Brasil?



FIGURA 24 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Pedro Alvares Cabral "descobriu" o Brasil? Disponível em: <<https://youtu.be/BLCplcFCFW0>>. Acesso em: 01 set. 2016.

Lançado pelo canal “Saga da Irlanda” em fevereiro de 2015, esta vídeo aula tem mais de 33 mil visualizações. Nela, o professor Felipe Aron questiona a "descoberta" do Brasil pelos portugueses em 1500 e anda por um caminho pouco explorado, defendendo que próprios portugueses ou mesmo outros povos possam ter “descoberto” nosso país antes de 1500.

Após expor as tecnologias e o contexto da época, o professor questiona se os portugueses espontaneamente descobriram o país ou se já existia um conhecimento prévio da futura colônia. Apesar da elocubração teórica, não existe uma problematização sobre a questão indígena e sim um discussão eurocêntrica sobre Cabral, Duarte Pacheco ou mesmo o francês Jean Cousin ter descoberto o Brasil.

Afirmando que está em busca de uma ruptura com a "história tradicional", o vídeo levanta outras possibilidades afora o 22 de abril de 1500 como sendo o dia da "descoberta".

7.5 Principais resultados para “Expansão Marítima”.

28% dos alunos do Cilon Rosa e 30% dos alunos do Riachuelo sugeriram a pesquisa do termo “expansão marítima” para compreendermos a chegada dos portugueses ao Brasil e os fatos de 1500. No Youtube encontramos aproximadamente 12.400 resultados para esta pesquisa. A seguir, analisamos os 5 vídeos mais vistos no site.

7.5.1. VIDEO: Expansão Marítima (Descomplica)



FIGURA 25 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Expansão Marítima (Descomplica). Disponível em: <https://youtu.be/c7b_kAI7Olo>. Acesso em: 01 set. 2016.

Vídeo aula do canal “Descomplica” apresentada pelo professor Renato Pellizzari dando foco ao processo de expansão marítima e o colonialismo na América. O vídeo foi lançado em agosto 2011 e tem mais de 190 mil visualizações.

A expansão marítima é apresentada como um processo que pode ser visto como primeiro passo do processo de globalização.

O vídeo fala dos motivos do processo de expansão, como a busca de riquezas, os interesses de grupos mercantis e do rei, entre outras temáticas.

Não se fala, entretanto, nos contatos entre portugueses e indígenas e nem há qualquer relato dos povos que habitavam o Brasil antes de 1500.

7.5.2 VIDEO: AULA HISTÓRIA A EXPANSÃO MARÍTIMA FEV 13 PROF GABRIEL FEITOSA

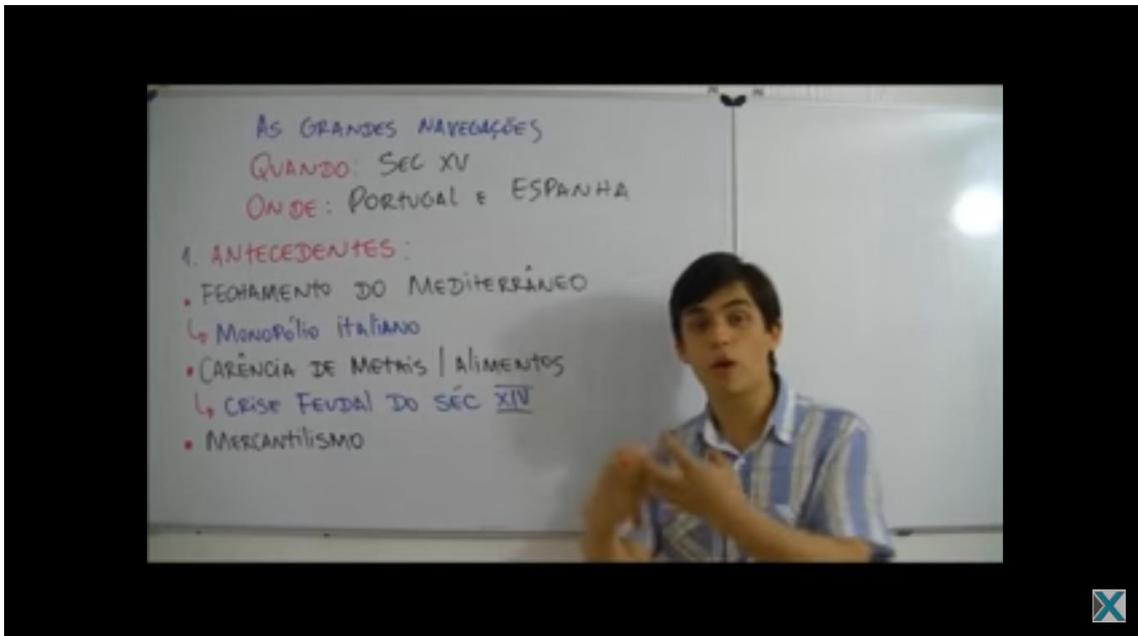


FIGURA 26 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: AULA HISTÓRIA A EXPANSÃO MARÍTIMA FEV 13 PROF GABRIEL FEITOSA. Disponível em: <<https://youtu.be/lkgo8ducNug>>. Acesso em: 01 set. 2016.

Vídeo-aula do “Canal ProjetoX” sobre a expansão Marítima europeia, dando ênfase à ação dos países Ibéricos. Lançada em fevereiro de 2013, a vídeo aula apresentada pelo professor Gabriel Feitosa tem mais de 104 mil visualizações no site do Youtube.

A aula apresenta os antecedentes do processo das "Grandes Navegações", como o monopólio italiano no Mediterrâneo, a crise feudal dos séculos XIV e XV e o Mercantilismo, como conjunto de práticas políticas e econômicas que impulsionam o comércio intercontinental.

Processos como a centralização do poder de Portugal no fim da Idade Média, as técnicas de navegação e a posição geográfica também são destacadas na explanação.

Os contatos entre europeus e ameríndios não aparecem na aula e, tampouco é abordado algum processo ou conhecimento sobre as populações nativas brasileiras.

7.5.3. VIDEO: HISTÓRIA GERAL - EXPANSÃO MARÍTIMA 20MIN

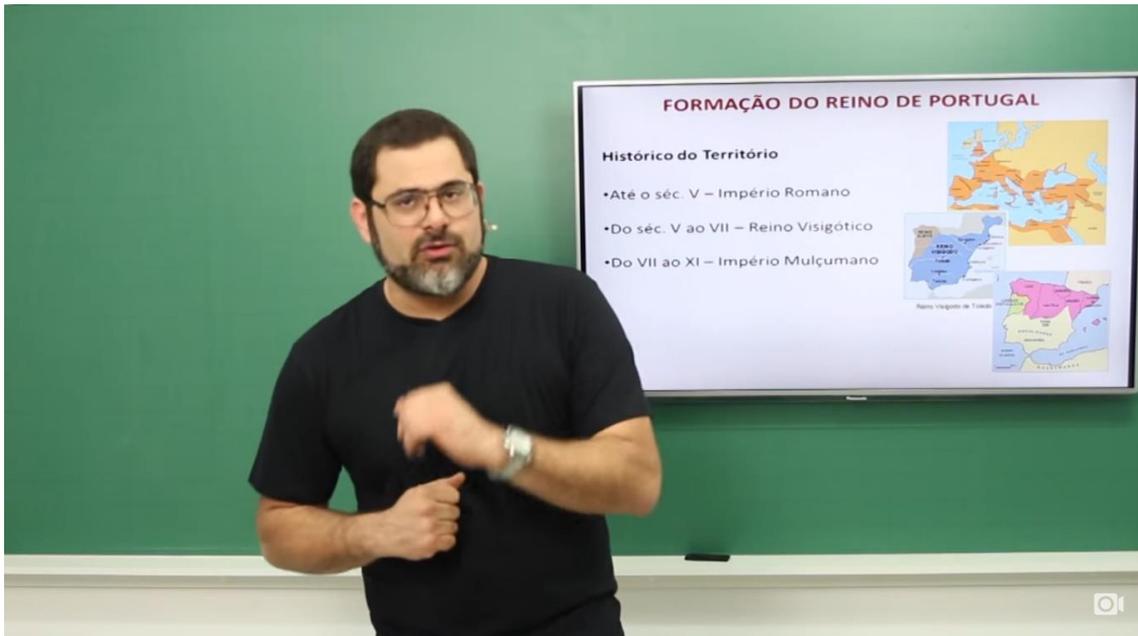


FIGURA 27 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: HISTÓRIA GERAL - EXPANSÃO MARÍTIMA 20MIN. Disponível em: <<https://youtu.be/eo00jZ7wBZ0>>. Acesso em: 01 set. 2016

Vídeo aula do canal “Pró Universidade Online” disponibilizado em outubro de 2014 e contando com mais de 96 mil visualizações. Nesse vídeo o professor Oto Lima explana sobre a expansão marítima europeia dos séculos XV e XVI.

Entre outros assuntos são abordados: a formação de Portugal em meio às guerras contra os muçulmanos; destaca a centralização política de Portugal com a Revolução de Avis (1385) e a partir daí a busca por rotas de comércio alternativas ao Mediterrâneo.

Na fala são destacadas as inovações técnicas como a bússola, o astrolábio, as caravelas. Também se destaca a superação das mentalidades que acreditavam que o Oceano Atlântico fosse o “Mar Tenebroso”, cheio de monstros e praticamente insuperável.

A aula aborda os povos ameríndios, dando destaque para Maias, Astecas e Incas, destacando suas conquistas nas ciências e sua organização sócio-políticas. Fala do processo de conquista da América Espanhola e não do Brasil, portanto também não apresenta as comunidades indígenas brasileiras.

7.5.4. VIDEO: Expansão Marítima (AULA DE)



FIGURA 28 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Expansão Marítima (AULA DE). Disponível em: <<https://youtu.be/jmNwJfe6Hil>>. Acesso em: 01 set. 2016.

Esta é uma vídeo aula do professor Rodrigo Woloski publicada pelo canal “Aula De” em julho de 2015 e que tem mais de 74 mil visualizações no Youtube.

A aula fala da busca de riquezas das nações ibéricas e da superação do “Mar Tenebroso” e apresenta os diversos fatores das “Grandes Navegações”, como o Renascimento Comercial, a formação dos Estados Nacionais Modernos, a economia mercantilista, a carência de matéria-prima na Europa, o desenvolvimento científico e o fechamento do Mar Mediterrâneo pelas cidades italianas.

O professor fala sobre o genocídio e o etnocídio das culturas nativas americanas, dos tupis guaranis, pampeanos, jês e demais grupos do continente, mas sem ir além da breve fala sobre o “choque cultural” ou analisar especificamente os povos indígenas americanos ou, mais pontualmente, do Brasil.

7.5.5. VIDEO: Expansão Marítima Europeia



FIGURA 29 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Expansão Marítima Europeia. Disponível em: <<https://youtu.be/jmNwJfe6Hil>>. Acesso em: 01 set. 2016.

A vídeo aula do professor Clides Moraes, falando sobre a expansão europeia foi lançada no Youtube pelo usuário “Luíza de Souza” em março de 2012 e conta, até o presente, com mais de 69 mil visualizações.

Como em diversos vídeos sobre a expansão marítima do Youtube, se fala das questões técnicas como a bússola, astrolábio, caravelas; também se fala do interesse no comércio com as Índias e o monopólio das grandes cidades italianas sobre o Mediterrâneo.

O professor utiliza de mapas e imagens como recursos ilustrativos para a aula, além da explanação teórica. Basicamente abordando os acontecimentos e transformações europeias, não se fala em comunidades nativas americanas.

8 CONCLUSÃO

Acessar o site Youtube para fins de estudo parece ser uma prática cada vez maior entre os estudantes de nosso país. A internet tem cada vez mais abrangência e sites que disponibilizam conteúdos audiovisuais para diversos fins – entre eles o estudo – crescem significativamente. Como já apontamos em nosso texto, há um vertiginoso crescimento de acesso à rede mundial de computadores em nosso subcontinente latino americano. No Brasil, em especial, a internet já é realidade para mais de metade da população e os números crescem dia a dia.

Um dos maiores sites do mundo, o Youtube, vinculado à gigante Google, informa ter um crescimento anual de 60% e abriga hoje uma série de profissionais que produzem conteúdo específico para distribuição pro *streaming* (assistir *online*) no site Youtube; são os chamados *youtubers*, que tem roubado a audiência inclusive dos canais de televisão tradicionais. Também existem muitos usuários do Youtube que publicam vídeos, originais ou copiados, em suas contas, dando acesso à documentários, filmes, palestras, vídeo-aulas e uma grande gama de mídias aos milhões de usuários do Youtube.

É nessa nova realidade, construída a partir do início da internet em 1994, que se projetou nosso trabalho; buscamos compreender como pode existir uma aproximação do ensino com o que é difundido na internet e tentamos saber o que se difunde em termos de produção de conhecimento na historiografia nessas novas tecnologias, nesses novos instrumentos, nessas “taças novas” que servem informação e conhecimento.

Em nossa inquirição, fomos às escolas para ouvir os alunos, saber se eles usam dessas novas tecnologias para complementar e reforçar seus estudos. Eles vão. O aluno vai lá e procura, digitando no campo de pesquisa do Youtube o tema que quer. E conforme aponta nossa pesquisa junto a alunos da rede pública e privada de Santa Maria / RS, quase 90% dos alunos tem o hábito de estudar utilizando esse site, que se coloca cada vez mais como uma possibilidade de aprendizado *não formal* por conta de, primeiro, o avanço da internet e, segundo, pela grande quantidade de material gratuito disponível, muitas vezes um material de boa qualidade visual e boa produção de conhecimento.

Entretanto, a nossa averiguação sobre o que os alunos pesquisam e estudam no Youtube não trouxe uma visão necessariamente otimista no que se refere ao processo de ensino aprendido de história que esteja em sintonia com o ensino e a produção historiográfica atuais. Existe muito “vinho velho” nessa “taça nova”; ou seja, existe muito conteúdo que usa como referência a produção historiográfica mais antiga e não adaptada a realidade atual do ensino de história e da historiografia numa ferramenta fabulosa que é a transmissão de vídeo por streaming, pela internet.

Nossa temática central foram os acontecimentos de 1500, quando da chegada da esquadra de Cabral em nosso país e os fatos que se sucederam. Nos vídeos mais visualizados podemos observar, por exemplo, a caricaturização do indígena, tratado de forma exótica em sua cultura e crenças, além da referência aos nativos brasileiros como “selvagens”, termo há tempos superado pela historiografia e que parece nos remeter mais a textos de meados do século passado.

Nos poucos vídeos que trazem referências bibliográficas, um destes apresenta como referência o texto de Vernhagem, historiador ainda da época do império e que carrega consigo uma historiografia há muito não difundida, que tinha fins “civilizatórios” de explicar que nosso país é formado harmonicamente pelas etnias europeia, indígena e africana, naquilo que mais tarde levaria ao conceito de “Democracia racial”, que entendemos hoje não existir de forma alguma.

Outrossim, boa parte dos vídeos parte da visão eurocêntrica de “descobrimento”, partindo da ideia de que existe uma odisséia heroica dos portugueses que se aventuram no mar e chegam no Brasil – por acaso ou intencionados – como fruto de um processo da grandeza de Portugal. Nesse viés, valoriza-se a façanha portuguesa e sobrepõe-se o mundo português ao indígena, que é invisibilizado ou, como já dito, transformado em caricatura.

Em nossa pesquisa acabamos descobrindo que alguns dos vídeos mais visualizados do Youtube que tem relação com nossa temática 1500 são animações que não são tão comprometidas com qualquer rigor científico ou de ensino dos processos abordados. Duas dessas animações procuram ser “engraçadas”, divertidas, e usam simplificações históricas ou mesmo preconceitos, como a animação intitulada “A Verdadeira História do Descobrimento do Brasil”, na qual o rei português pede a Cabral que leve novelas televisivas a Portugal.

Acreditamos, entretanto, que a forma de busca sugerida pelos estudantes tenha contribuído de forma decisiva para que chegássemos a estes vídeos, pois partindo de nosso texto base na pesquisa aplicada nas escolas, os alunos sugeriram que procurássemos no Youtube por termos como “Descobrimento do Brasil”, “Pedro Álvares Cabral” e “Expansão Marítima”, os quais acabam contribuindo para a visão eurocêntrica.

Em meio aos diversos vídeos, porém, encontramos alguns resultados que tem mais alinhamento com aquilo que a historiografia e o ensino de história atuais propõem, inclusive com algum possível alinhamento à lei 11.645/2008. O vídeo do professor Charles Camilo Leme apresenta uma análise dos povos indígenas brasileiros, falando da sua diversidade cultural e dos diversos troncos linguísticos, bem como apontando características das comunidades nativas na época da chegada dos portugueses ao Brasil.

Na vídeo-aula do professor Rodrigo Woloski há a afirmação de que o termo “descobrimento” não é exatamente adequado, que houve um processo de conquista, de extermínio da cultura e do povo indígena. Chama a atenção, nesse vídeo, a estratégia de chamá-lo de “Descobrimento do Brasil” e depois afirmar que esse termo não é adequado. Chamando o vídeo de “descobrimento”, muitos usuários do site acabam digitando este termo e depois, ao se depararem com o vídeo, tem a compreensão da não adequação do termo.

De qualquer maneira, quando fizemos o levantamento das principais pesquisas sugeridas pelos alunos das escolas que visitamos, decidimos analisar as 5 principais sugestões de pesquisa e dentro de cada sugestão os cinco vídeos com maior número de visualizações. Apenas nesse refinamento de pesquisa chegamos a mais de 160 mil resultados, ou seja, existem mais de 160 mil vídeos que podem ser assistidos que contem de forma direta ou indireta os temas que procuramos, uma verdadeira imensidão quase impossível de ser vista.

Entrar no site Youtube é como entrar em uma biblioteca gigantesca, mas numa biblioteca onde não existe um bibliotecário ou um professor para orientar. Devemos procurar, sem orientação, em um local onde podemos encontrar materiais de várias vertentes e versões, de produção mais recente ou mais antiga. Há muito material adequado, há muito material que não serve para o ensino pretendido. Falamos isso no sentido da história e da historiografia, em especial para o estudante escolar, que possivelmente não tenha o discernimento do que a produção

historiográfica atual esta realizando e pode pensar que ideias hoje deixadas de lado ou em segundo plano possam ser úteis na sua compreensão histórica e social.

Há muito “vinho velho”, há muito “vinho novo” também em meio às possibilidades quase infinitas. Entretanto é muito fácil não saber diagnosticar, por isso existe a chance de propagação de pensamentos e ideias bastante preconceituosos, conservadores, retrógrados ou excludentes. Sem uma boa orientação, a internet e o Youtube parecem não conseguir colaborar da forma adequada no sentido do conhecimento, pelo menos não em um conhecimento histórico que seja alinhado com a historiografia presente.

Entendemos que além do Youtube ser uma ferramenta muito útil para o processo de ensino, é também uma ferramenta inevitável, pois os alunos mais cedo ou mais tarde pesquisarão nele para complementar seus estudos. Nesse contexto acreditamos que se torna imprescindível a orientação do professor, para que possa alinhar aquilo que os alunos irão assistir com o que a historiografia presente está trazendo. Não se trata de restringir o que está no Youtube, até porque isso é impossível, mas de orientar os estudantes a complementar seus estudos com vídeos, músicas, filmes, animações e afins que estejam na internet.

Acceditamos que as mídias digitais da internet vieram para ficar, seja no viés formal ou não formal do ensino. Seu lugar no *ensino não formal* é garantido pela aceitação dos usuários. Para que conteúdo do Youtube não se torne o “vinho velho” nas “taças novas” é preciso algum tipo de intermédio dos educadores, que devem assinalar, mostrar, sugerir aos alunos os vídeos condicentes com seu trabalho e com a historiografia presente.

Acreditamos que, nessa biblioteca gigantesca, o professor deve auxiliar o aluno a procurar os vídeos e canais mais adequados ao processo de ensino-aprendizado, podendo transformar a experiência de pesquisa de internet muito mais rica e complementar ao ensino formal. Do caso contrário, há chances de estamos servindo “vinho velho em taças novas”.

9 PRODUTO - VIDEOAULA

Depois de uma ampla análise de vídeos sugeridos por alunos no Youtube, chegamos às nossas conclusões de que há uma imensidão de ofertas de documentários, vídeo-aulas, filmes, animações e afins que abordam nosso tema sugerido, os acontecimentos do Brasil de 1500 quando da chegada de Cabral e sua frota, bem como os desdobramentos desse evento.

Nosso entendimento é de que existe muita informação difusa sobre a temática, com alguns vídeos que não se adequam às necessidades de ensino-aprendizado atuais e outros que podem servir perfeitamente ao entendimento histórico dos alunos.

No intuito de ajudar nessa tarefa facilitadora para os estudantes e que também colabora com o trabalho de aula dos professores é que elaboramos um vídeo, como produto final de nosso trabalho, apontando para os vídeos que mais possam contribuir para as análises de nosso tempo presente, difundidas pela história e pela historiografia sobre a época do “descobrimento” do Brasil.

A ideia foi realizar um vídeo de poucos minutos, que assinala alguns conceitos que não são usuais e em seu lugar sugere vídeos que estejam no Youtube com conteúdo de bom tom historiográfico mesmo que não tenha um bom número de visualizações dentro do site, e por isso mesmo são vídeos mais difíceis de serem encontrados.

Dentro de nosso vídeo buscamos manter uma linguagem e visual informais, afastando-se do mundo acadêmico e/ou científico para aproximar-se mais do universo dos estudantes.

Abaixo, descrevemos *ipsis litteris* a fala do vídeo produzido sob o título de Descobrimento ou encobrimento, bem como mostramos capturas de telas e fornecemos seu endereço no site Youtube.

9.1 O TEXTO DO VÍDEO

“Olá queridas e queridos do Youtube, eu sou o professor Éderson, mas aqui no Youtube, em escolas e cursinhos muitos também me conhecem pelo meu apelido Bussunda.

E por que motivo eu estou fazendo esse vídeo aqui hoje? Eu estou concluindo as minhas pesquisas de meu mestrado de Ensino de História e eu andei investigando alguns vídeos aqui do Youtube.

Sim! Eu e meu orientador, o professor Júlio Quevedo, estivemos investigando como que a galera estuda neste site fabuloso, que é cheio de conteúdos, de conhecimentos, informações e complementos nos estudos.

Indo às escolas e aplicando um formulário, descobrimos que quase 90% dos alunos dizem entrar no Youtube. Pra quê? Para complementar seus estudos. E a partir daí queríamos saber o que que a galera faz pra estudar.

Claro, selecionamos um tema: os acontecimentos de 1500, quando da chegada de Cabral e sua frota e todos os desdobramentos que tem relação com isso. Aliás, foi daí que veio o título de nosso trabalho: Descobrimento ou encobrimento.

Afinal de contas, os portugueses descobriram o Brasil ou encobriram uma vasta e rica cultura que já existia aqui?

Quando questionamos os estudantes nas escolas pedimos sugestões de pesquisa [no Youtube] e cinco sugestões se sobressaíram. Deveríamos pesquisar por: 'Chegada dos portugueses ao Brasil', 'Descoberta / Descobrimento do Brasil', 'Colonização do Brasil', 'Pedro Álvares Cabral' e, por fim, 'Expansão Marítima'. Claro, muitas outras sugestões apareceram, mas essas cinco foram as principais, as mais sugeridas pelos estudantes.

A partir disso foi que selecionamos os 25 vídeos mais vistos, a partir dos temas sugeridos. Descobrimos que tem muita coisa bacana e tem muita coisa que não é tão legal assim.

Claro que falamos isso do ponto de vista da historiografia. Tem conceitos que não são mais aplicados, existem ideias que são preconceituosas. E mais: se estamos falando de 1500, não podemos mostrar apenas o lado português, a visão eurocêntrica de "Descobrimento".

Vocês já se deram conta que se falarmos em "Descobrimento", estamos sugerindo uma temática eurocêntrica, ou seja, os europeus, os portugueses, são o centro de tudo. Eles "descobrem" o Brasil e simplesmente ignoram que aqui já existia uma população nativa? Será que esses nativos não haviam chegado e descoberto o que existia aqui.

Na nossa pesquisa encontramos vídeos que chamam os índios de ‘selvagens’, um conceito que se usava na metade do século passado. Em alguns vídeos se faz caricatura do indígena, dos seus rituais, das guerras, da antropofagia, de sua cultura de forma geral.

Muito se fala em ‘descobrimto’ e pouco se valoriza a cultura dos verdadeiros descobridores do nosso país.

Bom, mas nossa ideia não é ficar falando mal, e sim dar uma sugestão, uma orientação de pesquisa pra você estudante que está navegando no Youtube. Separamos algumas dicas de vídeos que consideramos importantes para a compreensão histórica dentro do ensino de história e da historiografia atuais e que ajudam a entender os fatos de 1500 no Brasil.

Na descrição do nosso vídeo você vai encontrar o link para alguns vídeos bacanas que nós separamos pra vocês, como por exemplo:

Um vídeo bastante interessante é o vídeo do professor Charles Camilo chamado “Povos indígenas do Brasil”. Ele analisa os grupos indígenas brasileiros antes da chegada dos portugueses. O professor Camilo mostra, por exemplo, algumas variações de troncos étnicos, linguísticos e culturais das comunidades que aqui existiam. É um vídeo com conteúdo bem bacana que vale a pena assistir.



FIGURA 30 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo: Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

Quando a gente quer dar um panorama geral sobre as sociedades pré-existentes no Brasil, a chegada dos portugueses e as consequências disso, nós temos uma animação bem interessante chamada “A chegada dos portugueses”. É uma animação que tem poucos minutos, é bacana de ser trabalhada em sala de aula justamente porque dá essa visão geral sobre o que acontece em 1500. E não esqueçam que o link para esses vídeos está na descrição do nosso vídeo aqui embaixo.



FIGURA 31 – Captura de tela do Youtube. Vídeo “Chegada dos portugueses”. Disponível em: <<https://youtu.be/IWID7GEji5Y>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

Quando a ideia é tirarmos os indígenas do encobrimento e trazer a tona um pouco da sua cultura, existe um vídeo interessante do professor Walter Solla, o vídeo se chama Identidade indígena e trabalha justamente sobre isso, tentando compreender não apenas dos indígenas, mas como os povos formam suas identidades próprias. Isso é muito interessante para compreendermos as diferenças entre o português e o indígena.



FIGURA 32 – captura de tela do site Youtube. Vídeo “Indígenas no Brasil - Identidade Indígena”. Disponível em: <<https://youtu.be/zV6aQ7QLQNU>>. Acesso em: 03 nov.2016.

Nós temos esse outro vídeo, do professor Renato Pellizzari, que fala sobre a escravidão na América Portuguesa, a escravidão negra, mas também a escravidão indígena, sobre a qual quase ninguém fala. O vídeo se chama Escravidão e resistência indígena e africana na América portuguesa e é um vídeo a ser analisado e ser entendido para também compreendermos a história dos indígenas em relação aos portugueses colonizadores.



FIGURA 33 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo “Escravidão e Resistência Indígena e Africana na América - História | Descomplica”. Disponível em: <<https://youtu.be/6TPn1VyM3YA>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

Mas um dos grandes destaques do que encontramos no Youtube e deixamos como um destaque aqui do nosso vídeo é o vídeo chamado “Documentário Índios no Brasil parte 1”. Sim, é um vídeo que traz como protagonistas os indígenas. São indígenas de várias etnias, varias tribos relatando sobre a sua vivência no Brasil. São relatos que falam sobre a inserção do indígena na sociedade brasileira, os maltratos ao longo da história e também, obviamente, sobre a chegada dos portugueses aqui, em 1500.

Aqueles que ficavam de fora das narrativas mais antigas e não eram protagonistas da história, ganham voz neste documentário que está aqui no site Youtube.



FIGURA 34 – Captura de tela do site Youtube. Vídeo “DOCUMENTÁRIO ÍNDIOS NO BRASIL CAPITULO 1”. Disponível em: <<https://youtu.be/ScaUURAJkC0>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

E pra não nos estendermos demais, deixamos apenas esses vídeos como sugestão; uma tentativa de dar um novo enfoque sobre o processo de 1500 e não falar apenas sobre o conceito “descobrimento”. É a nossa tentativa de fazer com que Descobrimento não implique em Encobrimento da cultura e do povo indígena.

Esperamos que esse vídeo possa ser útil aos jovens estudantes de nosso país, sobretudo naquilo que diz respeito ao entendimento da história e da construção da nossa sociedade.

Agradecemos a vocês e nos despedimos dizendo um até mais e bons estudos. Tchau.

Ah! Espero que os professores da banca tenham gostado e aprovelem este vídeo.



FIGURA 35 – captura de tela do site Youtube. Vídeo “Descobrimiento ou encobrimiento”, produto de pesquisa de nosso trabalho. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=BV1uT8FBiWY>>. Acesso em: 15.03.2017

10 BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERMAN, Marshall. 1986. Tudo que é sólido desmancha no ar. São Paulo: Cia das Letras.
- BITTENCOURT, Circe Maria F. **Pátria, civilização e trabalho**: o ensino de história nas escolas paulistas (1917 - 1939). São Paulo. Loyola, 1990.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo**: séculos XV-XVIII. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- CAIMI, Flávia Eloisa. **Conversas e controvérsias**: o ensino de história no Brasil (1980 - 1998). Passo Fundo: UPF Editora, 2001.
- CAPUTO, Vitor. Mais da metade dos brasileiros são usuários da internet. **Exame**. São Paulo, 26 jun. 2014. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/mais-da-metade-dos-brasileiros-sao-usuarios-da-internet>>. Acesso em: 01 nov. 2015.
- COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e geral**. São Paulo: Saraiva, 2012.
- DUSSEL, Inés. **Aprender y enseñar en la cultura digital**. Buenos Aires: Santillana, 2010.
- FAUSTO, Bóris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- KNAUSS, Paulo. **O desafio da ciência: modelos científicos no ensino de história**. In: Cadernos Cedes. Vol. 25, n. 67, 2005, p. 279-295.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado? Projeto História**. São Paulo, n. 17, novembro, 1998, p. 63-201.

MATTAR, João. **Youtube na educação: o uso de vídeos em EAD**. São Paulo, 2009. Disponível em: < www.joaomattar.com>. Acesso em: 04 nov. 2015.

MELO, Ciro Flávio de Castro Bandeira de. **Senhores da história e do esquecimento: a construção do Brasil em dois manuais didáticos de História na segunda metade do século XIX**. Belo Horizonte: Argumentum, 2008.

NADAI, Elza. **O ensino de história no Brasil: trajetórias e perspectivas**. 1993.

PEREIRA, Lilian Alves; FELIPE, Delton Aparecido; FRANÇA, Fabiane Freire. **Origem da escola pública brasileira : a formação do novo homem**. VII Jornada do HISTEDBR “O trabalho didático na história da educação”. Campo Grande, 17 a 19 de setembro de 2007.

PINEAU, Pablo. **Como a noite engendra o dia e o dia engendra a noite: revisando o vínculo da produção mútua entre escola e modernidade**. Revista Pro-Posições, v. 19, n. 3, 2008, p. 83-104.

REES, Johnattan. **Ensinando história com o youtube**. Disponível em: www.historians.org. Acesso em: 06 set. 2015.

RÜSEN, Jörn. **Aprendizagem Histórica: fundamentos e Paradigmas**. Curitiba: W. A. Editores, 2012.

SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo; ROCHA, Aristeu Castilhos da; LOPES, Michele Moraes. **Ensinar e aprender histórias e culturas indígenas: repensando as práticas pedagógicas**. Revista Opsi. v. 15, n. 1, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/Opsi/article/view/34724>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Marco. **Educação, modernidade e pós-modernidade**. Perspectiva, Santa Catarina, v. 10, n. 18, 1992. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10842>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

SOUZA, Gleice Keli Barbosa. **“Os esquecidos da história” e a lei 11.645/08: continuidades ou rupturas? Uma análise sobre a representação dos povos indígenas do Brasil em livros didáticos de história**. Dissertação (Programa de pós-graduação em educação) Mestrado acadêmico da Universidade Estadual de Feira de Santana (EEFS). Bahia, 2015. Disponível em:
<<http://localhost:8080/tede/handle/tede/244>>. Acesso em: 30. out. 2015

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. **A maquinaria escolar**. Teoria & Educação, n. 6, 1992. Disponível em: <http://www.4shared.com/get/m2FVq-0J/Julia_Varela_e_Fernando_Alvarez.html>. Acesso em: 10 out. 2015.

YOUTUBE. **A Escravidão e Resistência Indígena e Africana na América - História | Descomplica**. Disponível em: <<https://youtu.be/6TPn1VyM3YA>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

_____. **As grandes navegações - Caminhos da riqueza**. Disponível em: <https://youtu.be/_80XI5w-Jpl>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. **As grandes navegações nos séculos XV e XVI**. Disponível em: <<https://youtu.be/cGVib-cflww>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. **As grandes navegações: o pau-brasil**. Disponível em: <<https://youtu.be/RFglw1chKyE>>. Acesso em: 23 ago. 2016

_____. **AULA HISTÓRIA A EXPANSÃO MARÍTIMA FEV 13 PROF GABRIEL FEITOSA.** Disponível em: <<https://youtu.be/lkgo8ducNug>>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **Brasil: uma história inconveniente.** Disponível em: <<https://youtu.be/hKI4miH0lkl>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

_____. **Chegada dos portugueses aos Brasil.** Disponível em: <<https://youtu.be/RMrJIE3FAh0>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. **Chegada dos portugueses.** Disponível em: <<https://youtu.be/IWID7GEji5Y>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

_____. **Chegada e colonização portuguesa na América.** Disponível em: <<https://youtu.be/e3uDIPi2xLI>>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **Construtores do Brasil – Pedro Alvares Cabral.** Disponível em: <<https://youtu.be/BLCplcFCFW0>>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **Descobrimto do Brasil.** Disponível em: <<https://youtu.be/U5xZ3r0L91s>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

_____. **Descobrimto do Brasil.** Disponível em: <<https://youtu.be/xbpiYtYTZxM>>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **Desmundo (2003) – filme completo legendado.** Disponível em: <https://youtu.be/oxQe_BeRba0>. Acesso em: 25 ago. 2016.

_____. **DOCUMENTÁRIO ÍNDIOS NO BRASIL CAPITULO 1.** Disponível em: <<https://youtu.be/ScaUURAJkC0>>. Acesso em: 03 nov. 2016.

_____. **Expansão Marítima - Resumo para o ENEM: História | Descomplica.** Disponível em: <https://youtu.be/c7b_kAl7Olo>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **Expansão Marítima Europeia.** Disponível em:
<<https://youtu.be/Yd4MGDuuZro>>. Acesso em: 02 set. 2016.

_____. **História - Expansão Marítima.** Disponível em:
<<https://youtu.be/jmNwJfe6Hil>>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **História do Brasil - Aula 1: Descobrimento.** Disponível em:
<<https://youtu.be/ZF6DBvQSpks> >. Acesso em: 24 ago. 2016.

_____. **HISTÓRIA GERAL - EXPANSÃO MARÍTIMA 20MIN.** Disponível em:
<<https://youtu.be/eo00jZ7wBZ0>>. Acesso em: 01 set. 2016

_____. **INDÍGENAS no BRASIL - Identidade Indígena.** Disponível em:
<<https://youtu.be/zV6aQ7QLQNU>>. Acesso em: 03 nov.2016.

_____. **O descobrimento do Brasil - 22 de abril.** Disponível em:
<<https://youtu.be/VTIWfwllOak>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

_____. **O Descobrimento do Brasil - Filme de Humberto Mauro (1936).**
Disponível em: <<https://youtu.be/hKl4miH0lkl>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

_____. **O verdadeiro descobrimento do Brasil.** Disponível em:
<https://youtu.be/9ChtnL6t_c4>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. **PEDRO ÁLVARES CABRAL - Discovery of Brazil.** Disponível em:
<https://youtu.be/_kU9H1O2rY0>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **Pedro Alvares Cabral “descobriu” o Brasil?: videoaula.** Disponível em:
<<https://youtu.be/BLCplcFCFW0>>. Acesso em: 01 set. 2016.

_____. **Povos indígenas do Brasil.** Disponível em:
<<https://youtu.be/8dWIMpjjCD8>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

_____. **Vermelho Brasil - Filme HD Completo - TV Globo - Rio 450 Anos.**
Disponível em: <<https://youtu.be/6IAcEAV7hAM>>. Acesso em: 30 ago. 2016.